



PRIORIDADES PARA A PROSPERIDADE



Banco Europeu de Investimento | Grupo

PRIORIDADES PARA A PROSPERIDADE

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2024

Relatório de Atividades 2024 do Grupo Banco Europeu de Investimento
Prioridades para a prosperidade

© Banco Europeu de Investimento, 2025.

98 -100, boulevard Konrad Adenauer
L-2950 Luxembourg

Reservados todos os direitos.

Todas as questões relacionadas com direitos e licenças devem ser dirigidas a publications@eib.org.

Para mais informações sobre as atividades do BEI, consulte o sítio Web em: www.eib.org.

Pode também contactar info@eib.org. Subscreeva o nosso boletim de informação eletrónico em www.eib.org/sign-up.

© Créditos fotográficos: BEI, Energy Dome, Verkor, Swappie, Matr Foods, Rim Foam, Shutterstock, GettyImages.

Publicado pelo Banco Europeu de Investimento.

Impresso em papel FSC®.

O QUE PODE LER NESTE RELATÓRIO

Os cidadãos e as empresas esperam que a Europa apoie investimentos para o futuro. Investimentos que melhorem a vida das pessoas. Investimentos que reforcem a segurança e proporcionem novas oportunidades. Em 2024, o Grupo BEI divulgou um Roteiro Estratégico que serve precisamente esses objetivos. Tendo por base as nossas prioridades estratégicas fundamentais, pretendemos acelerar a transição ecológica, impulsionar a inovação tecnológica, reforçar a segurança e a defesa e apoiar a coesão regional e as infraestruturas sociais. O nosso empenhamento no desenvolvimento internacional e na integração dos mercados de capitais salvaguarda a forte presença da Europa a nível mundial. **As nossas prioridades promovem o crescimento, a prosperidade e o progresso tecnológico e social em cada Estado-Membro, na União Europeia e em todo o mundo.** Essas prioridades estão em consonância com os objetivos dos líderes europeus em matéria de competitividade, autonomia estratégica e segurança económica. O nosso trabalho nestes domínios contribui para reforçar a voz da Europa no mundo e ajuda a responder aos atuais desafios geopolíticos. O presente relatório coloca em destaque projetos que exemplificam o nosso trabalho em cada uma destas prioridades.

ÍNDICE

2 2024 FACTOS MARCANTES, DADOS RELATIVOS AOS FINANCIAMENTOS E AO SEU IMPACTO

4 O GRUPO BEI NO SEU PAÍS

6 O BEI NO RESTO DO MUNDO

9 AS NOSSAS PRIORIDADES ESTRATÉGICAS FUNDAMENTAIS

1. AÇÃO CLIMÁTICA

- 12 Alemanha: Energia da terra abençoada
- 13 Alemanha: Uma rede para o pulmão verde
- 14 França: Um «giga» avanço para as baterias
- 16 Itália: Um domo de energias renováveis
- 18 Polónia: Finalmente protegidos

2. DIGITALIZAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

- 22 Bélgica: Um sono sem máscara
- 23 Finlândia: Tecnologia sem prazo de validade
- 24 Alemanha: Evolução na telecondução
- 25 Itália: Um futuro eletrizante
- 26 Espanha: Revolução nos motociclos
- 27 Áustria: Uma solução verde para o aço
- 28 Espanha e Suécia: Uma onda de inovação
- 29 Polónia: Um avanço luminoso
- 30 França: Anticorpos que se adaptam

3. SEGURANÇA E DEFESA

- 34 Dinamarca: Reinventar Esbjerg

4. UMA POLÍTICA DE COESÃO MODERNA

- 38 Itália: Uma decisão difícil
- 39 Roménia: Transição em altura
- 40 Eslovénia: Expandir a energia verde
- 41 Polónia: Uma via para o mar

5. INFRAESTRUTURAS SOCIAIS

- 44 Chipre: Espaços para crescer
- 45 Áustria: Muitas habitações para arrendamento
- 46 Chéquia: Ostrava regressa ao palco
- 47 Itália: Banca e ética não são incompatíveis

6. AGRICULTURA E BIOECONOMIA

- 50 Grécia: Um reservatório de resiliência
- 51 Espanha: Combustível de origem diferente
- 52 Dinamarca: Picado de cogumelos
- 54 Alemanha: Modernizar a produção leiteira
- 55 Alemanha: Uma solução deliciosa

7. INVESTIMENTO GLOBAL DE ELEVADO IMPACTO

- 58 Bósnia e Herzegovina: Uma corrente que flui para o futuro
- 62 Albânia: Sobre carris
- 63 Ucrânia: Estamos todos a ajudar-nos uns aos outros
- 64 África do Sul, Moçambique, Taiwan: Fundos próprios para resultados concretos
- 65 Mauritânia: Um futuro de diversidade

8. UNIÃO DOS MERCADOS DE CAPITAIS

- 68 Espanha e França: Plataformas para capital

72 ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI

74 GOVERNAÇÃO

75 DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO PARA 2025-2027

FACTOS MARCANTES DE 2024

**GRUPO BEI
EM 2024**

**88,8
mil milhões
de EUR**

**BANCO EUROPEU
DE INVESTIMENTO
EM 2024**

**68,2
mil milhões de EUR
dentro da UE**

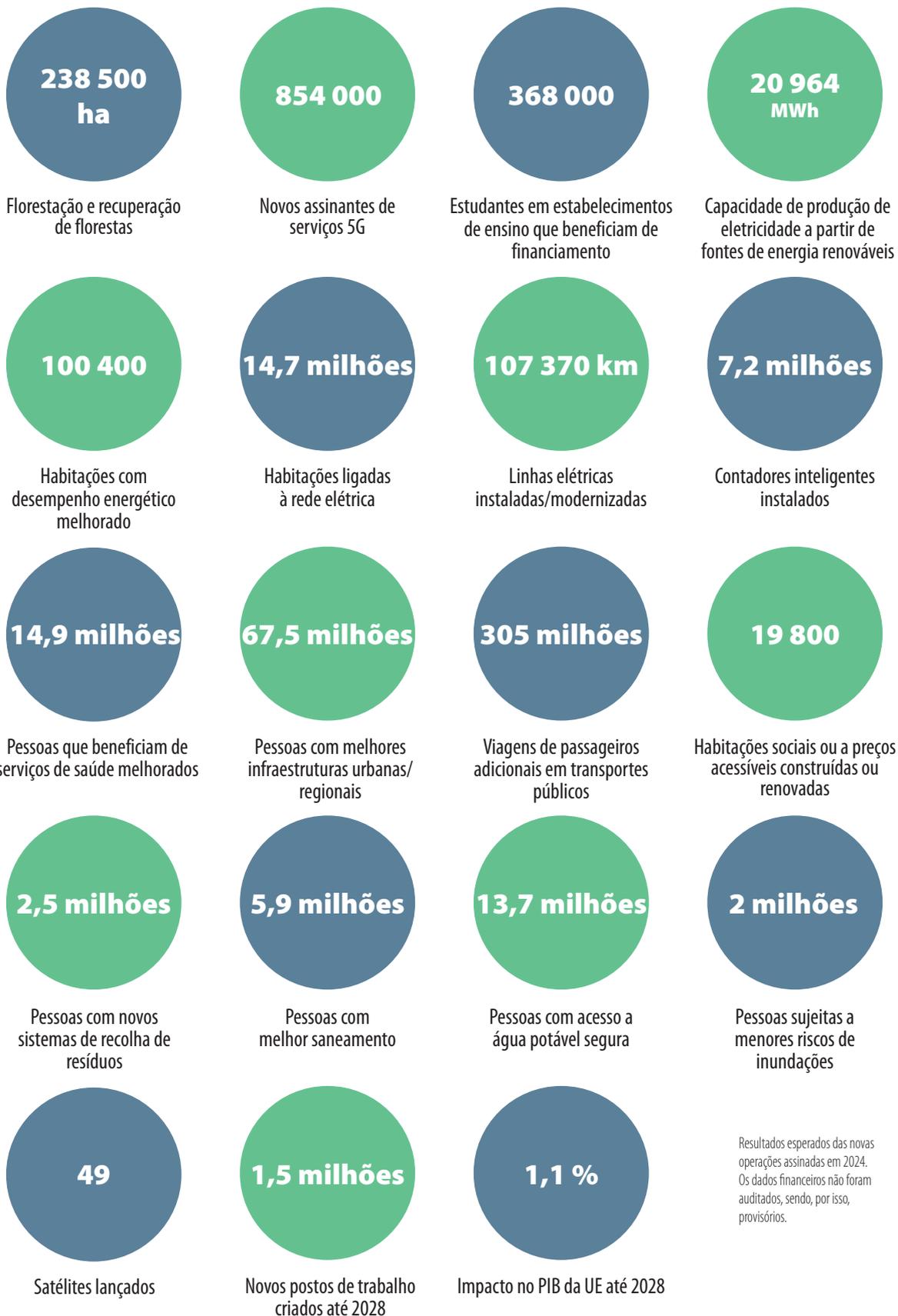
**8,4 mil milhões
de EUR
fora da UE**

O Fundo Europeu de Investimento (FEI), que faz parte do Grupo BEI, é uma instituição especializada no financiamento de risco para apoiar as micro, pequenas e médias empresas e estimular o crescimento e a inovação em toda a Europa. Disponibiliza financiamento e conhecimentos técnicos para a realização de investimentos sólidos e sustentáveis e operações de garantia. Entre os acionistas do FEI contam-se o BEI, a Comissão Europeia, bancos públicos e privados e instituições financeiras.

**FUNDO EUROPEU
DE INVESTIMENTO
EM 2024**

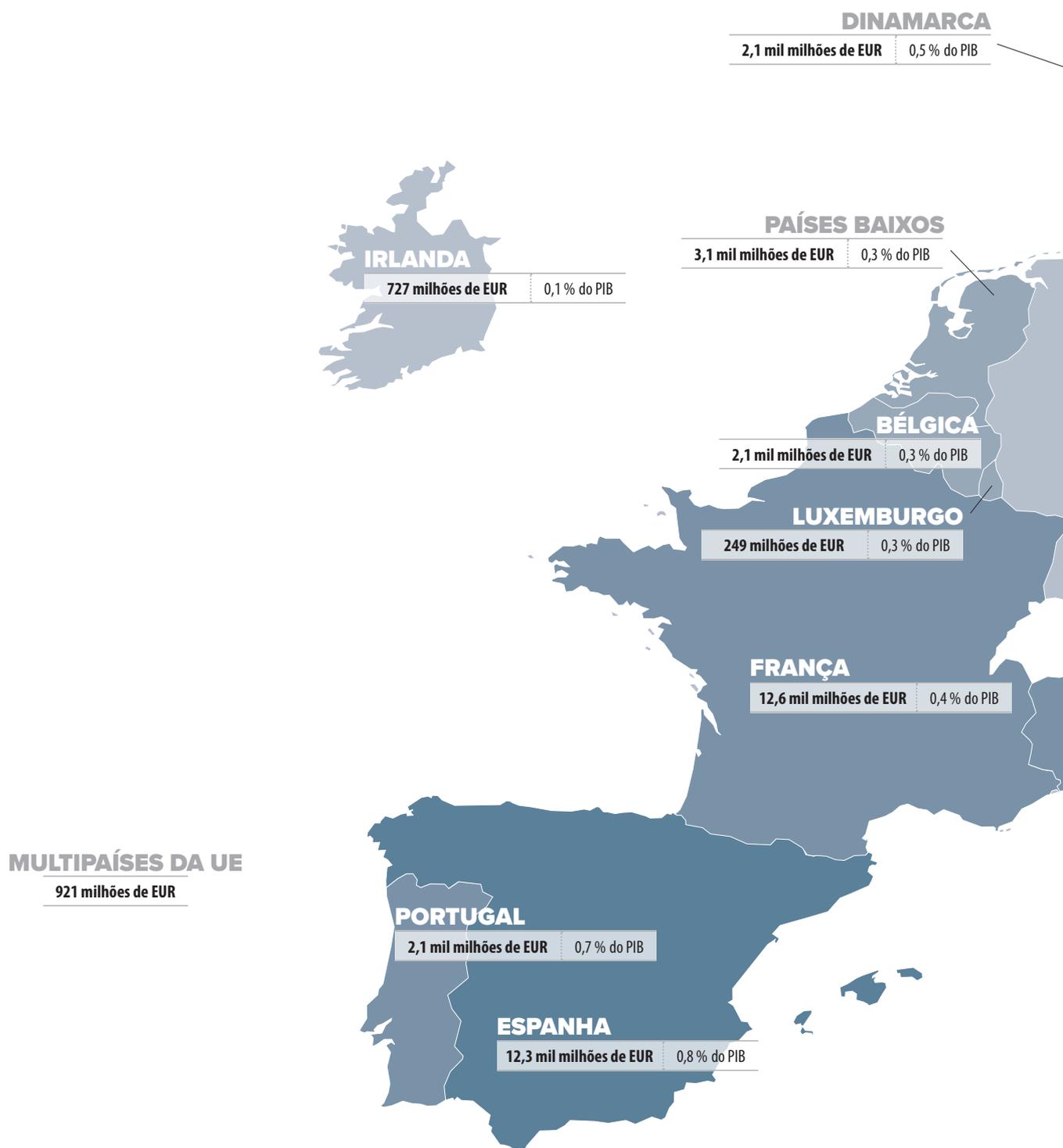
**14,4
mil milhões
de EUR**

O IMPACTO DO BEI



Resultados esperados das novas operações assinadas em 2024. Os dados financeiros não foram auditados, sendo, por isso, provisórios.

O GRUPO BEI NO SEU PAÍS



As cores mais escuras indicam um investimento mais elevado em percentagem do PIB.



O BEI NO RESTO DO MUNDO



OUTROS PAÍSES
483 milhões de EUR

PAÍSES DA VIZINHANÇA ORIENTAL
894 milhões de EUR

UCRÂNIA
266 milhões de EUR

BALCÃS OCIDENTAIS E TURQUIA
677 milhões de EUR

PAÍSES DA VIZINHANÇA MERIDIONAL
1,6 mil milhões de EUR

ÁFRICA SUBSARIANA
2,0 mil milhões de EUR

AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS
1,2 mil milhões de EUR



**TOTAL
FORA DA UE
8,4 mil milhões
de EUR**

**ÁSIA
1,3 mil milhões de EUR**

O Banco Europeu de Investimento não defende, aceita ou emite qualquer juízo sobre o estatuto jurídico de quaisquer territórios, fronteiras, cores, designações ou informações que se apresentam neste mapa.

Na sequência das sanções que a UE impôs à Síria em novembro de 2011, o BEI suspendeu toda a atividade de financiamento e consultoria naquele país. Não obstante, o BEI integra o grupo de doadores principais para a Síria que acompanha a situação sob a liderança conjunta da UE e da ONU.

AS NOSSAS PRIORIDADES ESTRATÉGICAS FUNDAMENTAIS



50,7
mil milhões
de EUR

A localização da gigafábrica da Verkor, perto de Dunquerque, facilita a importação de matérias-primas e a exportação das suas baterias.

AÇÃO CLIMÁTICA

“ Um dos desafios mais prementes que a Europa enfrenta atualmente é a expansão das tecnologias limpas emergentes. Embora a inovação em tecnologias limpas esteja a progredir a um ritmo sem precedentes, a tradução de avanços tecnológicos em soluções escaláveis e prontas para comercialização, especialmente através de demonstrações em fase pré-comercial, é uma tarefa árdua que exige muito capital. Muitas vezes, estes projetos pioneiros comportam riscos elevados, pelo que é essencial estabelecer parcerias sólidas entre os setores público e privado para ultrapassar esses obstáculos. Estamos empenhados em colmatar este défice de financiamento crítico e em promover parcerias produtivas para acelerar a implantação de tecnologias transformativas. Com o nosso apoio aos projetos mais promissores da Europa no domínio das tecnologias limpas, pretendemos impulsionar a transição energética, promover a resiliência económica e garantir a posição da Europa na economia verde mundial. ”

Irene Gálvez Verdú, chefe da Divisão de Tecnologias Limpas, Capital Próprio e Capital de Crescimento, Direção de Operações do BEI

“ Os novos fenómenos de tempestades, secas e precipitação de extrema intensidade são assustadores e têm efeitos catastróficos. Por isso, o financiamento de infraestruturas verdes e resilientes é mais importante do que nunca. O Banco Europeu de Investimento encontra-se numa posição privilegiada, na medida em que pode dar um contributo significativo, apoiando as políticas governamentais e atraindo montantes consideráveis de capital privado para financiar a ação climática. Enquanto Banco do Clima da UE, acredito que podemos agilizar a nossa execução, fazer mais e manter uma direção estratégica clara a longo prazo que complementa, na perfeição, todas as outras prioridades estratégicas. ”

Dirk Roos, chefe da Divisão de Programas de Transição Energética, Direção de Projetos do BEI

ENERGIA DA TERRA ABENÇOADADA

Na Alemanha, estão em curso trabalhos de perfuração para captar calor e energia das rochas subterrâneas, uma solução inovadora que não depende dos reservatórios de água

Daniel Mölk trabalhou pela primeira vez na cidade bávara de Geretsried no início da década de 2010, num projeto de pesquisa de reservatórios subterrâneos de água quente no âmbito de um plano de produção de energia hidrotérmica da empresa local de utilidade pública. Embora não tivessem encontrado água, Daniel Mölk e a sua equipa ficaram a conhecer muito bem a terra e as formações rochosas nos arredores daquela cidade. Esses trabalhos proporcionaram as bases para um projeto geotérmico pioneiro que viria a ser lançado no mesmo local, 13 anos depois.

Os projetos geotérmicos geralmente envolvem a captura de calor a partir de reservatórios de água ou de vapor subterrâneos mediante perfuração. No entanto, em Geretsried e em muitos outros locais, as águas subterrâneas não estão disponíveis nem são acessíveis. Por isso, Daniel Mölk, diretor-geral da Eavor GmbH, uma filial alemã da empresa canadiana Eavor, leva a cabo trabalhos de perfuração profunda na terra para captar calor emitido pela própria rocha.

Com o apoio de uma subvenção do Fundo de Inovação da UE no montante de 91,6 milhões de EUR e de financiamento do Banco Europeu de Investimento no montante de 45 milhões de EUR, está a ser construído, em Geretsried, o primeiro sistema Eavor-Loop à escala comercial. Trata-se de uma inovação que fornecerá calor e eletricidade limpa de fontes renováveis ao equivalente a 30 000 agregados familiares na região.

O sistema assemelha-se a um radiador subterrâneo gigante. Os técnicos da Eavor utilizam equipamento de perfuração para abrirem dois poços verticais com uma profundidade entre 4 500 e 5 000 metros. Seguidamente, abrem 12 pares de canais laterais horizontais com um comprimento entre 3 000 e 3 500 metros a partir da base de cada poço, o que totaliza cerca de 80 km de perfuração por circuito (o sistema de Geretsried terá quatro circuitos). O radiador gigante é então enchido com água limpa e uma bomba dá início à circulação da água. Quando a bomba é desligada, o sistema continua a funcionar naturalmente com um «termossifão», ou seja, a água no fundo do sistema é aquecida por condução pela rocha subterrânea e sobe naturalmente até à superfície, onde pode ser utilizada diretamente para fins de aquecimento urbano ou para produzir energia. O sistema emite menos gases com efeito de estufa do que os sistemas geotérmicos convencionais, uma vez que não é necessário reinjetar novos fluidos e não requer uma utilização intensiva de bombas.

Prevê-se que o primeiro circuito do projeto Eavor-Loop em Geretsried esteja operacional até ao final de 2024. Os quatro circuitos deverão entrar em funcionamento até 2026. A empresa está a trabalhar num segundo projeto em Hanôver.

“ Quando a bomba é desligada, o sistema continua a funcionar naturalmente. ”

UMA REDE PARA O PULMÃO VERDE

A rede da Turíngia é modernizada para superar os obstáculos no caminho para a descarbonização

A fim de reduzir as suas emissões de CO₂ e reforçar a sua segurança energética, a Europa está a fazer investimentos volumosos em energias renováveis como a energia eólica e solar. Porém, o fornecimento de eletricidade a partir da luz solar e do vento, que é intermitente e está dependente das condições meteorológicas, dificulta a previsão e a gestão da oferta e procura de eletricidade pelos operadores das redes. A dependência das energias renováveis torna também mais difícil para as redes manterem uma frequência elétrica estável. Esta circunstância representa um risco para a sua estabilidade, dado que reduz a capacidade do sistema para suportar perturbações imprevistas, como a perda de um grande gerador ou uma diminuição súbita do vento.

O operador da rede de distribuição na região alemã da Turíngia, a TEAG, é uma das muitas empresas de exploração de redes da Europa que estão agora a investir em soluções para eliminar estes obstáculos no caminho para a descarbonização. Conhecida como o «pulmão verde da Alemanha» devido às suas densas florestas, a Turíngia produz mais de 57 % da sua eletricidade a partir de fontes renováveis, dos quais 22,4 % a partir do vento.

“**Antecipamos um aumento acentuado da necessidade de energias renováveis.**”

Em abril de 2024, a TEAG assinou um empréstimo de 400 milhões de EUR com o Banco Europeu de Investimento no âmbito do plano REPowerEU da União Europeia com o objetivo de ajudar a financiar um programa de investimento no montante de 600 milhões de EUR para modernizar a sua rede regional em expansão. Essa rede serve 620 municípios, muitos dos quais são pequenos, contando apenas com 10 000 a 20 000 habitantes. Graças ao empréstimo, a TEAG poderá duplicar os seus investimentos na rede de eletricidade e contratar, pelo menos, mais 300 trabalhadores.

«Antecipamos um aumento acentuado da necessidade de energias renováveis», afirma Mike Karaschinsky, chefe de divisão da TEAG. «A Alemanha passou de um sistema muito centralizado baseado em centrais nucleares e a carvão localizadas nas proximidades dos centros de consumo para um sistema muito descentralizado em que a produção de eletricidade tem lugar quando as condições meteorológicas são as mais adequadas. O desafio consiste em compreender onde ocorrerão os fluxos futuros e que vias serão mais utilizadas.»

Rede inteligente

No âmbito do programa de investimento, serão instalados novos cabos elétricos e linhas aéreas de todas as tensões, enquanto outros serão substituídos. Será também necessário construir subestações e a automatização e digitalização do despacho exigirá componentes de rede modernos. Os investimentos são necessários para modernizar a rede, a fim de permitir a ligação de mais produtores e utilizadores descentralizados de energia solar e eólica, entre os quais os consumidores que pretendam ligar painéis solares, bombas de calor e carregadores de parede à rede para beneficiarem da transformação digital.

«Com o aumento da eletromobilidade, com baterias e sistemas de carregamento de veículos que podem devolver energia à rede, temos de investir numa rede muito mais inteligente», explica Mike Karaschinsky.

UM «GIGA» AVANÇO PARA AS BATERIAS

A Verkor, uma empresa francesa em fase de arranque, está a construir uma gigafábrica em Dunquerque para a produção em massa de células de baterias para equipar 300 000 veículos elétricos por ano

Benoît Lemaignan é um dos seis fundadores da empresa francesa de baterias Verkor, criada em julho de 2020. A empresa deve o seu nome à cordilheira de Vercors, que se ergue sobre a cidade-natal de Benoît Lemaignan, Grenoble. O crescimento tem sido tão impressionante quanto essas montanhas.

Tendo angariado inicialmente 250 milhões de EUR para o seu centro de inovação em Grenoble, a Verkor conseguiu captar rapidamente mais fundos, incluindo 650 milhões de EUR em subvenções estatais no âmbito do plano France 2030, que visa ajudar a indústria francesa a acompanhar os novos desenvolvimentos, fazendo investimentos avultados em tecnologias inovadoras e na transição ecológica. As subvenções incluem 60 milhões de EUR da região da Alta França e 30 milhões de EUR de Dunquerque.

Em abril de 2024, o Banco Europeu de Investimento aprovou um montante de 270 milhões de EUR em empréstimos diretos à Verkor, a fim de ajudar a construir a gigafábrica da empresa em Dunquerque, com o apoio do InvestEU. O Banco tenciona assinar também empréstimos intermediados com bancos comerciais participantes, o que poderá elevar o financiamento total do projeto a 400 milhões de EUR.

Mercados voláteis

Todo este investimento comporta riscos.

«Para empresas em fase de arranque como a Verkor, não é fácil captar milhares de milhões de euros em financiamento por capitais próprios ou por dívida no mercado das baterias para veículos elétricos», afirma Olivier Kueny, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que acompanhou a operação. «A procura de veículos elétricos e os preços das matérias-primas são muito voláteis. Devido aos riscos associados às tecnologias, ao mercado e à construção que estes megaprojetos enfrentam, a estruturação do financiamento é uma questão delicada para os patrocinadores e os mutuantes.»

As baterias representam entre 30 % e 50 % do custo de um veículo elétrico e, atualmente, estes veículos ainda são mais dispendiosos do que aqueles que utilizam combustíveis fósseis. Os fabricantes de automóveis estão a tentar reduzir o custo para que os veículos elétricos fabricados na Europa possam ser competitivos em comparação com os automóveis que utilizam combustíveis fósseis e com os veículos elétricos fabricados na Ásia. «É um setor muito competitivo», afirma Jonas Wolff, engenheiro principal do Banco Europeu de Investimento. «Existe um risco tecnológico porque os fabricantes estão constantemente a testar os limites para tirar maior proveito das células e, desse modo, poderem baixar o seu preço.»

Como testar os limites

O cátodo, um componente essencial de uma bateria de íões de lítio, por exemplo, é composto por uma mistura de níquel, manganês e cobalto com uma certa quantidade de lítio e outros metais. «A receita para esta mistura está protegida por direitos de propriedade industrial», explica Jonas Wolff.

Os metais são dispendiosos e altamente voláteis, com cadeias de abastecimento e processos de extração e fabrico complexos. A tendência é reduzir a quantidade de metais dispendiosos e voláteis utilizados na mistura, a fim de reduzir os custos e aumentar a estabilidade dos preços. Há também que ter em conta aspetos relacionados com a conformidade associados às cadeias de abastecimento, as quais estão frequentemente localizadas fora da União Europeia. «Procuramos manter a produção de material a nível local e alargá-la depois à Europa e a outras regiões», afirma o fundador Daniel Lemaignan. «Ainda assim, alguns materiais serão importados de África, da América do Sul e da Ásia. No entanto, por norma, o nosso lítio é adquirido na Europa. Uma parte do níquel será proveniente da Europa e uma parte do cobalto de Marrocos. Estamos a desenvolver estas cadeias de valor em conjunto com a Renault.»

A localização da gigafábrica perto do porto de Dunquerque facilitará a importação de matérias-primas e a exportação de produtos acabados para as fábricas da Renault. Com quatro linhas de produção, a gigafábrica deverá produzir células de baterias para até 300 000 veículos por ano. Prevê-se também que o projeto criará entre 1 500 e 2 000 postos de trabalho em Dunquerque até 2030.

“ Esta operação preenche todos os requisitos necessários. Trata-se de uma empresa em fase de arranque europeia inovadora, que facilita a transição ecológica do setor automóvel europeu e contribui para a posição competitiva da Europa a nível mundial numa indústria fundamental. ”

UM DOMO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS

O dióxido de carbono está a causar alterações climáticas, mas uma empresa italiana descobriu como transformá-lo numa solução de armazenamento de energias renováveis – e como combater o aquecimento global.

Na região central da Sardenha, recortado contra o horizonte, ergue-se um balão gigantesco cheio de dióxido de carbono, um dos principais gases com efeito de estufa que está a causar alterações perigosas no nosso clima. Porém, o próprio gás responsável pelo aquecimento global poderá ser um fator importante no combate às alterações climáticas. A Energy Dome, uma empresa em fase de arranque com sede em Milão, utiliza o enorme balão, também conhecido como «domo», como um elemento crítico da sua bateria de CO₂.

«Atualmente, as energias renováveis estão a ganhar terreno na produção de energia, mas têm uma desvantagem: o sol nem sempre brilha e o vento nem sempre sopra», afirma Paolo Cavallini, chefe de pessoal da Energy Dome. «Porém, precisamos de eletricidade renovável noite e dia. Por isso, precisamos de poder armazenar energia durante longos períodos de tempo.»

O armazenamento é a peça que falta na revolução das energias renováveis. Os produtores de energia devem estar em condições de armazenar a energia produzida pelo vento ou pelo sol para que esta possa ser utilizada em períodos de fraca produção. Empresa inovadoras estão a testar vários métodos diferentes, e a Energy Dome é uma das mais promissoras. A solução inovadora da empresa permite armazenar energia até dez horas a um custo duas vezes inferior ao das baterias de iões de lítio. «Esta duração é crucial, dado que permite que as energias renováveis substituam os combustíveis fósseis e constituam até 90 % da matriz energética da Europa», explica Paolo Cavallini.

A central de demonstração da Energy Dome, a primeira deste género, está em funcionamento há dois anos. No município de Ottana, na Sardenha, está em construção uma central em grande escala, capaz de produzir 200 MWh de eletricidade numa única descarga, ou seja, o equivalente a 2 439 baterias do Tesla Model 3 Long Range.

«O armazenamento de energia de longa duração é o elemento que falta para concretizar a transição energética e estamos convictos de que, com a nossa tecnologia, podemos liderar este movimento», declara Paolo Cavallini.

De negativo a positivo

Durante o dia, a bateria a CO₂ utiliza a energia excedentária da rede local – normalmente proveniente de energia solar – para proceder à compressão e liquefação do dióxido de carbono, armazenando-o em reservatórios de aço. Esta técnica explora a capacidade do dióxido de carbono para se liquefazer sob alta pressão à temperatura ambiente, ao contrário do ar. A compressão também gera calor que é armazenado em unidades especiais de armazenamento de energia térmica. Quando é necessária eletricidade, o processo é invertido. O dióxido de carbono armazenado é aquecido pelas unidades de armazenamento, transformando-o novamente em gás. Este gás retorna então ao domo. Porém, antes de lá chegar, faz girar uma turbina para produzir eletricidade.

«Todo o processo é um circuito fechado que devolve à rede 75 % da energia inicialmente utilizada durante o carregamento», explica Paolo Cavallini. «Pode funcionar 30 anos sem qualquer tipo de degradação, ao contrário do que acontece com outras tecnologias eletroquímicas que se deterioram rapidamente.»

Apoiar a transição ecológica da Europa

No âmbito do combate às alterações climáticas, a União Europeia estabeleceu um plano ambicioso de transição para uma economia neutra em carbono até 2050. Para alcançar este objetivo, a Europa terá de substituir a capacidade de produção baseada em combustíveis fósseis perdida por fontes sem emissões, especialmente energias renováveis como a energia eólica e solar.

A solução de armazenamento da Energy Dome conta com o apoio do Banco Europeu de Investimento e do programa Breakthrough Energy Catalyst fundado por Bill Gates, beneficiando de um financiamento total de 60 milhões de EUR. Este tipo de soluções é essencial para os objetivos da Europa em matéria de clima. «Trata-se de um exemplo inspirador da tecnologia revolucionária de que tanto necessitamos, na Europa e no resto do mundo», afirma Alessandro Ronzoni, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que trabalhou na operação. «Este financiamento apoiará a construção da instalação, a implantação da tecnologia e a mobilização de fundos privados.»

O futuro do armazenamento de longa duração

As baterias da Energy Dome são ideais para equilibrar a oferta de energia proveniente de fontes renováveis e a procura de energia, permitindo também um armazenamento auxiliar ao longo de vários dias para estabilizar a rede durante períodos de más condições atmosféricas que causem perturbações na produção de energia solar fotovoltaica.

As baterias de dióxido de carbono distinguem-se também pelo seu preço acessível. São fabricadas com materiais respeitadores do ambiente e componentes comercialmente disponíveis. Por isso, produzem eletricidade a um preço mais baixo do que as baterias de iões de lítio.

«A nossa central na Sardenha é o primeiro módulo de grande escala deste tipo e iremos reproduzi-lo pelo mundo inteiro», afirma Paolo Cavallini. «Os nossos domos podem funcionar em várias dimensões e configurações.»

“ O armazenamento de energia de longa duração é o elemento que falta para concretizar a transição energética. ”

FINALMENTE PROTEGIDOS

Em setembro de 2004, a região sudoeste da Polónia foi assolada por cheias devastadoras. O reservatório de Racibórz Dolny protegeu milhões de pessoas, demonstrando a eficácia das proteções contra as cheias

Czesław Burek, *wójt* de Lubomia, sonhava com um futuro em que os habitantes de Nieboczowy pudessem viver sem a constante ameaça de cheias. A aldeia, localizada na região sudoeste da Polónia, foi gravemente afetada pelas cheias provocadas pelo transbordo do rio Odra em 1997, as piores de sempre na região. As vidas perdidas e as casas destruídas deixaram a comunidade destruída. Czesław Burek, cujo título de *wójt* se refere ao seu cargo de chefe de uma comunidade de aldeias rurais, comprometeu-se a tudo fazer para que tais tragédias não se repetissem. A oportunidade surgiu quando o Governo polaco decidiu construir o grande reservatório de Racibórz Dolny no vale do Odra, perto da aldeia. No entanto, para que o projeto fosse concretizado, os habitantes enfrentavam um obstáculo de monta: teriam de se mudar. «Como estamos rodeados de cursos de água, ocorrem cheias repentinas sempre que se verificam condições meteorológicas extremas», afirma Czesław Burek. «Se ficarmos onde estamos, será o fim da nossa aldeia.»

A comunidade fundou então a Nowe Nieboczowy. Esta «Nova Nieboczowy» situava-se apenas a alguns quilómetros da aldeia original. Foi uma decisão difícil, mas que deu frutos quando, em setembro de 2024, a região sudoeste da Polónia se viu a braços com cheias catastróficas. Graças ao novo enorme reservatório, a aldeia não foi afetada por estas cheias. Além de proteger Nowe Nieboczowy, o reservatório atenuou o impacto das cheias para mais de 2,5 milhões de habitantes de três províncias: Silésia, Baixa Silésia e Opole. «Tivemos de esperar mais de 19 anos, enfrentámos muitos desafios, mas acabámos por encontrar uma forma de proteger a nossa comunidade e de preservar o nosso património», conclui Czesław Burek.

O primeiro grande teste

A JASPERS, uma parceria financiada pela Comissão Europeia e pelo Banco Europeu de Investimento, prestou assistência na preparação do projeto do reservatório de Racibórz Dolny e de outros projetos de proteção contra as cheias ao longo dos rios Odra e Nysa. «O reservatório funciona como uma zona-tampão gigantesca que controla as águas de cheia dos rios Odra e Nysa», explica Łukasz Wyrę, engenheiro hidráulico sénior do Banco Europeu de Investimento que acompanhou o projeto. «É um elemento crucial do sistema de proteção contra as cheias no Odra.»

Em setembro de 2024, o reservatório enfrentou um difícil teste. A região foi vítima das maiores cheias de que há registo, ultrapassando mesmo as inundações históricas de 1997 que causaram danos avultados e afetaram 600 000 pessoas em Wrocław. Durante a tempestade Boris, em apenas quatro dias, a precipitação atingiu níveis cinco vezes superiores à média de setembro, causando enormes danos em toda a região sudeste da Polónia. A eficácia do reservatório, que foi muito elogiada, deu origem a milhares de comentários no Google Maps agradecendo o sacrifício feito pelas aldeias que foram deslocadas para permitir a sua construção. «Salvou Racibórz, a cidade-natal da minha mãe e dos meus avós», escreve um dos internautas. «Quero agradecer aos antigos habitantes de Ligota Tworkowska e de Nieboczowy e às 240 famílias deslocadas.»

Proteção contra as cheias em toda a Polónia

As recentes cheias evidenciam a importância dos projetos de gestão do risco de cheias e a visão do Governo polaco ao ter lançado ambiciosos projetos de proteção contra as cheias em zonas vulneráveis por todo o país, como Kotlina Kłodzka, Sandomierz, Słubice, Żuławy e Węzeł Oświęcimski.

«Com o apoio financeiro da UE, concluímos 119 projetos centrados na adaptação às alterações climáticas, incluindo investimentos no reforço da segurança em caso de cheias, na retenção da água e no desenvolvimento de sistema de previsão de ameaças e salvamento na Polónia», afirma Jarosław Orliński, diretor no Ministério dos Fundos de Desenvolvimento e da Política Regional. «Sem estes investimentos, a magnitude da destruição teria sido enorme, muito maior do que foi.»

Um fenómeno em expansão

As cheias são um dos fenómenos naturais que maior destruição causam e, devido às alterações climáticas, são cada vez mais frequentes e graves. Segundo as previsões dos cientistas, a ocorrência de chuvas torrenciais durante quatro dias tornar-se-ão, pelo menos, duas vezes mais frequentes e a sua intensidade aumentará 7 %. Se as temperaturas globais aumentarem 2° C, a recorrência destas tempestades poderá acelerar-se em cerca de 50 %.

«Precisamos de mais projetos como estes e é fundamental alargar e melhorar as infraestruturas existentes, uma vez que estamos a perder margens de segurança», afirma Eckart Tronnier, que chefiou a equipa de aconselhamento da JASPERS. «Muitas vezes, podem existir infraestruturas de proteção contra as cheias, mas não são verdadeiramente utilizadas. Só quando ocorre uma catástrofe é que nos apercebemos da sua real importância para salvar vidas e evitar danos generalizados.»

No âmbito de uma nova missão, a equipa de aconselhamento técnico está a prestar apoio às autoridades polacas na identificação e hierarquização de novos projetos de gestão do risco de cheias.

Os projetos de proteção contra as cheias também podem revitalizar as cidades.

«Aos poucos, foram surgindo restaurantes e lojas em Wrocław e as zonas ribeirinhas transformaram-se em espaços verdes com ciclovias», acrescenta Eckart Tronnier. «Assim, a água voltou a ser um ativo para a cidade.»



14,4
mil milhões
de EUR

A empresa finlandesa Swappie aumenta o tempo de vida útil dos telemóveis inteligentes e reduz as emissões de carbono.

2

DIGITALIZAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

“

O nosso apoio a tecnologias revolucionárias como a inteligência artificial desempenha um papel importante para acelerar as descobertas científicas, aumentar a produtividade e a competitividade e transformar os modelos de negócios. Contribui igualmente para acelerar a transição energética e reforçar a nossa segurança e defesa, nomeadamente através de tecnologias de cibersegurança. ”

Antonello Locci, chefe da Divisão de Tecnologias Digitais e Indústrias Transformadoras Inovadoras, Direção de Projetos do BEI

“

Além de testarem os limites da tecnologia, cada uma destas empresas está também a consolidar a autonomia da Europa em setores críticos. ”

Yu Zhang, chefe da Divisão de Tecnologias Profundas, Digitalização e Ciências da Vida, Direção de Operações do BEI

“

O nosso forte empenho no financiamento da inovação e da digitalização apoia os esforços da Europa para aumentar a sua competitividade. O financiamento que concedemos para estabelecer bases científicas e tecnológicas sólidas, bem como para assegurar um rápido acesso à informação e aos serviços digitais, aumenta a capacidade de inovação da Europa e, em última análise, aumenta o emprego neste continente. ”

Christine Garburg, chefe da Divisão do Mar Báltico e do Norte da Europa – Empresas, Direção de Operações do BEI

“

Algumas empresas inovadoras no domínio das tecnologias médicas, ainda em início de atividade, estão profundamente envolvidas em atividades europeias de investigação e desenvolvimento que têm consequências positivas em termos de conhecimento. Estes tipos de investimentos respondem a necessidades médicas não satisfeitas com um elevado impacto socioeconómico, incluindo benefícios significativos para a saúde. ”

Dana Burduja, chefe da Divisão de Ciências da Vida e Saúde, Direção de Projetos do BEI

UM SONO SEM MÁSCARA

A inovação da Nyxoah consiste num tratamento minimalista da apneia obstrutiva do sono, o distúrbio do sono mais comum no mundo

A empresa belga de tecnologia médica Nyxoah identificou a apneia obstrutiva do sono como um mercado crítico devido à vasta necessidade dos doentes e às limitações das atuais opções de tratamento. Esta constatação levou-a a desenvolver um novo dispositivo que trata esse distúrbio do sono. «Um dos fatores que mais nos motivou foi a elevada taxa de abandono da terapia de pressão nas vias respiratórias, que é normalmente a primeira linha de tratamento da apneia obstrutiva do sono», explica Olivier Taelman, diretor-executivo da Nyxoah. «Esta necessidade evidente e não satisfeita de uma solução centrada no doente levou-nos a criar um dispositivo de neuroestimulação minimamente invasivo.»

O *design* inovador do Genio, o dispositivo da Nyxoah, poderá representar um avanço muito importante para as pessoas que sofrem de apneia do sono moderada a grave (segundo as estimativas, 14 % dos homens e 7 % das mulheres).

O tratamento clássico com máquinas de «pressão positiva contínua nas vias respiratórias» exige que se use uma máscara desconfortável durante toda a noite. Muitos doentes não conseguem suportar o tratamento porque consideram que é desconfortável ou que perturba o seu sono. Metade deles abandonam o tratamento em poucos anos.

O Banco Europeu de Investimento reconheceu o potencial do Genio e, em julho de 2024, investiu 37,5 milhões de EUR para apoiar a continuação da investigação e desenvolvimento e para aumentar a produção.

«A nossa tecnologia de neuroestimulação, concebida para melhorar o conforto e a conformidade, permitirá que os doentes beneficiem de uma maior qualidade de vida graças a uma solução eficaz e cómoda que responde a uma importante necessidade médica não satisfeita», afirma Olivier Taelman.

Tratamento minimamente invasivo

A apneia obstrutiva do sono causa interrupções recorrentes na respiração devido a um bloqueio das vias aéreas que é frequentemente provocado pelo colapso de tecidos moles na garganta. Estudos clínicos demonstram que a taxa de mortalidade de doentes que sofrem de apneia obstrutiva do sono e que não foram tratados aumenta significativamente ao longo do tempo. Se não for tratado, este distúrbio do sono está associado a um risco duas vezes superior de acidentes cardiovasculares e cinco vezes superior de mortalidade cardiovascular. A apneia do sono não tratada pode também causar sonolência durante o dia e falta de concentração, aumentando também o risco de hipertensão arterial e de diabetes tipo 2.

O dispositivo Genio é implantado por baixo do queixo, a uma profundidade de cerca de 2 cm, num breve procedimento ambulatorio. Funciona sem pilhas externas ou peças visíveis, o que permite uma utilização confortável e discreta. O músculo mais importante da língua chama-se genioglosso e o seu nervo é o hipoglosso. O Genio estimula este nervo no lado esquerdo e no lado direito, mesmo abaixo do queixo, desencadeando a contração da parte posterior da língua, que é impelida para a frente com uma ligeira pressão. Ao estimular este nervo, o sistema impede o colapso da língua na garganta, garantindo que as vias respiratórias se mantêm abertas durante toda a noite.

TECNOLOGIA SEM PRAZO DE VALIDADE

A inovação da empresa finlandesa Swappie no domínio do acondicionamento de telemóveis inteligentes permite reduzir as emissões de carbono, minimizar os resíduos eletrónicos e conservar matérias-primas críticas

Os europeus compraram 130 milhões de telemóveis inteligentes (*smartphones*) novos em 2023. A produção de cada telemóvel emitiu 80 kg de CO₂. Os telemóveis inteligentes acondicionados têm uma pegada de carbono 78 % inferior à dos novos, mas, na Europa, apenas 25 % dos telemóveis usados são objeto de revenda. Tal significa que quase 98 milhões de telemóveis inteligentes não são acondicionados, perdendo-se, assim, uma excelente oportunidade para reduzir as emissões de carbono. A Swappie, uma empresa finlandesa, dedica-se ao acondicionamento e revenda de telemóveis inteligentes para ajudar os clientes a diminuir a sua pegada de carbono e a apoiar a economia circular.

Tudo começou quando Sami Marttinen foi ludibriado.

«Comprei um telemóvel usado em linha, mas nunca foi entregue», recorda. Apercebendo-se de que esse tipo de situações era bastante comum, Sami Marttinen e o seu sócio identificaram uma oportunidade de negócio. «No dia seguinte, descobri que tinha espírito empresarial. Fizemos alguma pesquisa e foi assim que a Swappie nasceu.»

Atualmente, a empresa fundada por Sami Marttinen é o maior acondicionador de telemóveis iPhone da Europa, servindo mais de 2 milhões de clientes em 13 países. «Se as pessoas confiarem no mercado, estarão mais dispostas a consumir produtos circulares», afirma Sami Marttinen. «O aumento da vida útil de um telemóvel inteligente em apenas um ano permite reduzir em um terço as suas emissões de carbono totais.»

Conservar matérias-primas

A União Europeia gera 5 milhões de toneladas de resíduos eletrónicos por ano. Os telemóveis inteligentes contribuem significativamente para este problema porque contêm matérias-primas críticas, como o cobalto e o lítio. Se apenas 50 % dos telemóveis inteligentes vendidos em 2023 fossem acondicionados ou reciclados, a Europa poderia poupar ou recuperar 1 365 toneladas de cobalto e 195 toneladas de lítio – mais de metade das 380 toneladas extraídas pelo maior produtor da Europa, Portugal, nesse ano.

Por esse motivo, o Banco Europeu de Investimento concedeu à empresa financiamento sob a forma de dívida de risco no montante de 17 milhões de EUR, coberto por uma garantia do programa InvestEU. «O trabalho desenvolvido pela Swappie está em consonância com o nosso compromisso para com a economia circular e a inovação sustentável», afirma Iwona Biernat, gestora de empréstimos do BEI que acompanha o projeto.

O empréstimo apoiará as atividades da empresa nas áreas da investigação e desenvolvimento e da robótica, ajudando a tornar as reparações de telemóveis iPhone mais rápidas e mais fiáveis. No entanto, para que o setor do acondicionamento possa crescer, falta outro elemento importante. Segundo o Eurostat, menos de um terço dos europeus vendem ou reciclam os seus telemóveis antigos e quase metade conservam-nos em casa. «Precisamos de incentivar as pessoas a venderem os seus telemóveis antigos», afirma Sami Marttinen.

EVOLUÇÃO NA TELECONDUÇÃO

A Vay, uma empresa alemã em fase de arranque, cria um sistema inovador de autopartilha com veículos elétricos conduzidos à distância

Quando, em 2017, Thomas von der Ohe construía vaivéns autónomos em Silicon Valley, todos acreditavam que, no espaço de três anos, os veículos sem condutor estariam largamente disponíveis no mercado. «Todos os anos, esta previsão foi adiada por um ano», comenta Thomas von der Ohe, o fundador alemão e diretor-executivo da Vay, uma empresa em fase de arranque dedicada à mobilidade autónoma. Foi então que teve uma ideia. Em vez de esperar que os veículos autónomos fossem aperfeiçoados, porque não introduzir um sistema de autopartilha não poluente e eficiente com veículos controlados à distância por um telecondutor? Depois de se demitir, regressou à Europa e, em conjunto com outros dois engenheiros europeus, Fabrizio Scelsi e Bogdan Djukic, fundou a Vay em Berlim.

A tecnologia da Vay funciona do seguinte modo: um utilizador pode chamar um veículo através da aplicação da empresa e um telecondutor qualificado conduz o automóvel à distância até ao local onde o cliente se encontra. Seguidamente, o utilizador assume o controlo manual e conduz o veículo normalmente. Depois de chegar ao seu destino, o utilizador termina o aluguer na aplicação, sai do veículo e o telecondutor trata do estacionamento ou conduz o veículo até ao próximo cliente. Os condutores remotos estão totalmente imersos na condução. A envolvente do veículo é reproduzida por sensores de câmaras, que a transmitem para os ecrãs da estação de telecondução. Os sons do tráfego rodoviário, como veículos de emergência e outros sinais de aviso, são transmitidos através de um microfone para os auscultadores do telecondutor. «Acreditamos num futuro em que existe colaboração entre os seres humanos e os computadores», afirma Thomas von der Ohe. «Adotámos uma estratégia de implementação gradual da condução autónoma, ao invés de passarmos diretamente de uma condução 100 % humana para uma condução 0 % humana e 100 % informatizada.»

Vay em Las Vegas

Em janeiro de 2024, a Vay lançou o seu primeiro serviço comercial em Las Vegas, onde a regulamentação de veículos autónomos é atualmente menos rigorosa do que na Europa. A empresa tenciona expandir o serviço em Las Vegas e introduzi-lo em toda a Europa. Quando, em 2023, obteve a autorização de Hamburgo para circular na cidade com um veículo autónomo, a Vay tornou-se a primeira e única empresa na Europa a conduzir na via pública sem um condutor de segurança. Em junho de 2024, a Vay anunciou a sua parceria com a Poppy, uma empresa belga de serviços de autopartilha, com o objetivo de introduzir a condução à distância nesse país. Em setembro de 2024, o Banco Europeu de Investimento contratualizou um investimento sob a forma de dívida de risco no montante de 34 milhões de EUR, apoiado pelo InvestEU, a fim de ajudar a Vay a acelerar o desenvolvimento do seu serviço e da sua tecnologia. «O Banco Europeu de Investimento ajudou-nos a avançar no desenvolvimento da nossa tecnologia, concedendo-nos boas condições de financiamento», comenta Thomas von der Ohe. «Graças ao seu apoio, poderemos implementar a nossa tecnologia em mais mercados, especialmente na Europa.»

“Acreditamos num futuro em que existe colaboração entre os seres humanos e os computadores.”

UM FUTURO ELETRIZANTE

Três engenheiros italianos transformam uma empresa familiar e desenvolvem fios que reduzem as emissões de carbono e melhoram o desempenho dos motores elétricos

Depois de trabalharem para grandes empresas, três engenheiros italianos – Filippo Veglia, Francesco Taiariol e Piero Degasperì – juntaram-se para inventar uma tecnologia de revestimento que permite produzir fios magnéticos sustentáveis, sem solventes e de alto desempenho e fundaram uma empresa para os fabricar: a Tau Group. «Queríamos muito criar algo com impacto», confessa Francesco Taiariol, diretor-executivo do Tau Group. Trata-se de um grande avanço para os motores dos veículos elétricos, tornando-os tão compactos e eficientes quanto possível, o que, por sua vez, facilita e acelera a transição para a eletrificação e para emissões de carbono mais baixas.

«Esta é uma solução inovadora que responde a uma necessidade emergente do mercado e à falta de soluções adequadas dos produtores atuais», afirma Alberto Casorati, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que trabalhou no empréstimo de 20 milhões de EUR concedido pelo Banco ao Tau Group, assinado em novembro de 2024. «O Tau Group identificou este problema emergente dos clientes.» Apoiado pelo programa InvestEU, o financiamento ajudará o Tau Group a expandir a produção de fios elétricos, que poderá passar de 2 000 toneladas por ano para 12 000 toneladas.

No centro da eletrificação

O fio magnético é um fio elétrico com uma fina camada de isolamento. Transporta eletricidade que é convertida em energia magnética ou mecânica em motores, geradores e transformadores. Os materiais utilizados nos fios magnéticos pouco mudaram nos últimos 60 anos, não obstante a rápida evolução dos equipamentos elétricos. «Isto tornou-se um problema, uma vez que estes fios começam a apresentar sinais de falha a 800 volts, o que é crucial para muitas aplicações em motores elétricos», explica Francesco Taiariol.

A tecnologia «DryCycle» do Tau Group permite revestir os fios magnéticos com tecnopolímeros fortes e flexíveis que melhoram a resistência química, o isolamento elétrico e a estabilidade térmica. Deste modo, os fabricantes de automóveis e os responsáveis pela conceção de motores elétricos podem quebrar a barreira dos 800 volts e eventualmente atingir 1 000 volts.

Sem solventes, menos consumo de energia e menos emissões de carbono

Normalmente, os polímeros tradicionais utilizados no revestimento dos fios são aplicados sob a forma de vernizes líquidos à base de solventes. Estes solventes evaporam-se durante a produção, libertando partículas nocivas. Também é necessário queimá-los, o que resulta na emissão de milhões de toneladas de CO₂ por todo o mundo. A abordagem inovadora do «DryCycle» evita a utilização de solventes e aditivos. É aplicado um revestimento muito fino de polímero numa só camada, o que simplifica a produção, reduz os custos e melhora o desempenho. Este processo sem solventes utiliza menos 80 % de energia, aproximadamente, do que os métodos à base de solventes. «O Tau Group está empenhado em utilizar a energia de forma eficiente», afirma Francesco Taiariol.

REVOLUÇÃO NOS MOTOCICLOS

A Stark Future quer revolucionar a indústria dos motociclos com os seus modelos elétricos todo-o-terreno, a fim de promover a inovação, a sustentabilidade e a economia local em Espanha

Anton Wass descobriu a sua paixão por motociclos quando, ainda muito novo, viu um vizinho atravessar a sua cidade-natal perto de Estocolmo numa moto todo-o-terreno. Aos 16 anos, era cofundador de uma empresa de comércio eletrónico especializada em peças sobresselentes para motociclos que se tornou um líder mundial. Não obstante o seu sucesso, Anton Wass ainda sonhava em inventar uma moto totalmente revolucionária. «Durante muitos anos, sonhava constantemente com a possibilidade de construir motociclos elétricos que superassem as melhores motos a gasolina», confessa.

Assim, em 2019, fundou a Stark Future. Com sede em Barcelona, a empresa visa transformar a indústria dos motociclos com os seus modelos elétricos todo-o-terreno. Em 2021, lançou a Stark VARG (o termo sueco para «lobo forte»), a moto todo-o-terreno mais potente do mundo. «Foi como lançar uma bomba na indústria dos motociclos», afirma Anton Wass. «Penso que foi o lançamento mais bem-sucedido da história realizado por qualquer fabricante de motociclos.»

A empresa quer continuar a inovar e pretende tornar os seus motociclos ainda mais sofisticados. É por essa razão que o Banco Europeu de Investimento está a apoiar a empresa através de uma linha de crédito de 40 milhões de EUR, assinada em setembro de 2024.

Sem embraiagem

Com a sua bateria de 6,5 kWh, associada a um motor especial com manga de fibra de carbono, gera uma potência até 80 cv, ou seja, 30 % superior à de uma moto todo-o-terreno de 450 cc a gasolina equivalente. Esta configuração permite até seis horas de trilhos técnicos ou produz energia suficiente para realizar uma corrida de motocrosse completa, com um tempo de recarga de apenas duas horas.

O financiamento do Banco Europeu de Investimento apoiará os esforços da empresa para desenvolver novas plataformas de motociclos elétricos e ajudará a intensificar a sua capacidade de fabrico. O financiamento é concedido no âmbito do InvestEU, o programa emblemático da União Europeia que visa mobilizar mais de 372 mil milhões de EUR de investimento adicional de fundos públicos e privados para apoiar os objetivos estratégicos da UE até 2027.

«É fundamental apoiar as empresas em fase de arranque para fomentar um mercado competitivo e reter o conhecimento dentro da União Europeia», afirma Joanna Lisboa Tiago, gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que trabalhou na operação. «Sem apoio financeiro, verifica-se uma contração do mercado do capital de risco, o que leva a uma diminuição do número de intervenientes e da apetência pelo risco. O nosso objetivo é colmatar esta lacuna.»

“ É fundamental apoiar as empresas em fase de arranque para fomentar um mercado competitivo e reter o conhecimento dentro da União Europeia. ”

UMA SOLUÇÃO VERDE PARA O AÇO

Não podemos deixar de fabricar aço, mas uma empresa austríaca está a combater as emissões de carbono com grandes investimentos na investigação no domínio da energia verde e da alta tecnologia

A indústria do aço é responsável por cerca de 7 % das emissões de carbono mundiais. Por esse motivo, o Banco Europeu de Investimento, o maior investidor em ação climática da Europa, só pode apoiar investimentos nessa indústria que sejam sustentáveis e inovadores. Uma operação que pôde beneficiar de apoio em 2024 é um empréstimo de 300 milhões de EUR, aprovado em junho, para ajudar a Voestalpine, uma grande empresa siderúrgica austríaca, a realizar trabalhos de investigação sobre produtos de aço inovadores e processos de fabrico sustentáveis.

A Voestalpine, um dos maiores fabricantes de aço da Europa, utilizará esses fundos ao longo de quatro anos para a investigação e desenvolvimento de processos que utilizem menos energia e menos matérias-primas e que prolonguem a vida dos produtos de aço.

Como se manter na vanguarda na indústria do aço

Gerald Mayer, diretor financeiro da Voestalpine, explica que a intensificação da investigação pode ajudar o ambiente, mas é também a principal via da empresa para fazer face à concorrência no mercado do aço a nível mundial. «A atual conjuntura económica é extremamente difícil, sobretudo para os fabricantes de aço europeus», observa Gerald Mayer. «Felizmente, os nossos inovadores produtos de aço têm muita procura nos setores mais exigentes.»

O mais recente projeto de aço sustentável da Voestalpine designa-se «greentec». Começando em 2027, permitirá uma redução das emissões até 30 %, em comparação com os níveis de 2019, substituindo parcialmente os altos-fornos de elevada intensidade carbónica por fornos de arco elétrico.

Em certos casos, o Banco Europeu de Investimento pode alargar o seu apoio à indústria do aço a domínios que não sejam a investigação. No início de 2024, assinou um acordo no montante de 314 milhões de EUR destinado a uma nova fábrica da H2 Green Steel em Boden, na Suécia, que fabricará aço a partir de minério de ferro com hidrogénio e, conseqüentemente, emitirá 95 % menos carbono.

Ajudar as regiões que serão mais afetadas

Graças à inovação e ao investimento, a União Europeia é o segundo maior produtor de aço do mundo, a seguir à China. A sua produção ascende a quase 180 milhões de toneladas por ano, ou seja, 11 % da produção mundial, em comparação com cerca de mil milhões de toneladas produzidas pela China.

A Comissão Europeia e o Banco Europeu de Investimento estão a trabalhar em conjunto para apoiar a investigação e a inovação em aço menos poluente. Programas de investimento como o Horizonte Europa canalizaram muitos milhares de milhões de euros para a investigação a fim de reduzir as emissões nos setores do aço, do cimento e noutros setores de elevada intensidade carbónica. O Fundo para uma Transição Justa está a ajudar as regiões e os países muito dependentes da produção de aço, da extração de carvão e do cimento na sua transição para sociedades e economias mais sustentáveis.

UMA ONDA DE INOVAÇÃO

Uma iniciativa do Banco Europeu de Investimento estimula a inovação na economia azul, promovendo o crescimento sustentável das indústrias oceânicas e progressos nas tecnologias e recursos marinhos

Durante mais de 20 anos, Rene Hansen ajudou empresas de todo o mundo a crescerem e a inovarem, em indústrias tão diversificadas quanto o *snowboarding* e as energias renováveis. Depois de ter acumulado esta experiência a nível internacional, sentiu a necessidade de se estabelecer mais perto do seu país-natal, a Noruega. A oportunidade surgiu quando Konrad Bergström o contactou e expôs a sua visão: construir barcos elétricos. «Percebi que queria concentrar os meus esforços numa empresa que dava realmente valor à sustentabilidade», afirma Rene Hansen. «Era a oportunidade ideal para alinhar o meu trabalho com os meus valores e produzir um impacto real.»

Com sede na Suécia, a empresa fundada por Konrad Bergström visa revolucionar a indústria da navegação de recreio e dos desportos náuticos, procurando formas de tornar os barcos mais ecológicos. A X Shore combina fibra de vidro e de carbono para otimizar o peso, o desempenho e o impacto ambiental. Resultado: os seus barcos emitem quatro vezes menos CO₂ do que um barco tradicional a gasolina. «A navegação de recreio e os desportos náuticos devem estar em harmonia com a natureza», afirma Rene Hansen.

É por este motivo que a X Shore é uma das 20 empresas selecionadas para o programa EU Blue Champions, uma iniciativa do Banco Europeu de Investimento e da Comissão Europeia que presta aconselhamento gratuito a empresas dotadas das melhores tecnologias e soluções azuis para enfrentar os desafios da economia azul. Esta iniciativa visa aumentar a competitividade dessas empresas e prepará-las para um potencial financiamento de investidores ou do Banco Europeu de Investimento. Lançado em maio de 2024, o programa Blue Champions selecionou empresas sediadas por toda a Europa, abrangendo domínios desde a robótica submarina a soluções de transporte marítimo verde, passando pelas biorrefinarias, aplicações de dados obtidos por satélite e energia eólica. A inclusão no programa é o reconhecimento de que estas empresas são pioneiras nos esforços de promoção de um futuro mais verde no setor. A iniciativa visa promover uma economia azul sustentável e sublinhar a necessidade de agir para proteger e recuperar os oceanos para as gerações futuras.

Uma abordagem única

«Constatámos que era necessário apoiar o mercado para o desenvolvimento de tecnologias azuis na Europa», explica Paulina Brzezicka, conselheira financeira do Banco Europeu de Investimento que colaborou na criação do programa Blue Champions com Antonella Calvia-Götz, conselheira principal. «Percebemos que temos de fazer algo diferente da nossa abordagem habitual, algo que nunca tínhamos feito antes.»

A nova abordagem recorre a um convite aberto à apresentação de candidaturas para identificar tecnologias azuis que poderiam beneficiar de aconselhamento gratuito, a fim de melhorar os planos de negócios das empresas e de as preparar para um potencial financiamento do Banco Europeu de Investimento, através do seu instrumento de dívida de risco, ou de outros investidores. Os candidatos têm de ser empresas em fase de expansão com uma estratégia credível de investimento no crescimento de, pelo menos, 15 milhões de EUR ao longo de cinco anos, devendo metade desse montante ser já financiado por investidores. Devem ter atingido um nível suficiente de maturidade (ou estar perto desse nível) para serem elegíveis para um potencial financiamento do Banco Europeu de Investimento.

UM AVANÇO LUMINOSO

Uma empresa polaca pretende estimular a inovação europeia em dispositivos quotidianos, desenvolvendo a sua tecnologia fotónica e os seus detetores de infravermelhos

Na década de 1970, o professor Józef Piotrowski começou a procurar os melhores materiais para aplicações de deteção. Na Academia Militar Técnica de Varsóvia, fez uma descoberta científica que contribuiria para transformar o mundo da tecnologia de infravermelhos. Józef Piotrowski e a sua equipa desenvolveram detetores que já não têm de ser arrefecidos com azoto líquido. Esta inovação preparou o terreno para a fundação da VIGO Photonics, em 1987. Desde então, a empresa especializou-se na produção de instrumentos fotónicos (tecnologia de ondas luminosas) e em microeletrónica.

Atualmente, sob a direção do filho de Józef, Adam Piotrowski, a VIGO Photonics deseja dar continuidade à sua tradição de inovação com uma nova iniciativa designada «HyperPic». Este projeto visa integrar *lasers* e detetores fotónicos num único chipe de tamanho minúsculo, o que mudará totalmente a forma como interagimos com os dispositivos quotidianos. «Imaginem um relógio inteligente que, para além de contar os vossos passos, também monitoriza a vossa glicemia em tempo real, ou um frigorífico que vos avisa quando a comida está quase a estragar-se», explica Filip Costa, diretor de *Corporate Finance* da VIGO. «Estas são apenas algumas das aplicações futuras do HyperPic nos domínios da eletrónica de consumo, da proteção ambiental e da medicina, entre outros.»

O Banco Europeu de Investimento apoia a VIGO Photonics com um empréstimo sob a forma de dívida de risco no montante de 21 milhões de EUR, assinado em setembro de 2024, para garantir que a Europa se mantém na vanguarda da inovação em fotónica.

Detetar o invisível

A VIGO Photonics especializa-se em detetores de infravermelhos, módulos completos de deteção de infravermelhos e placas epitaxiais – produtos concebidos para captar e processar sinais infravermelhos. A empresa pretende agora integrar estes componentes num chipe do tamanho da ponta de um dedo, conhecido como «circuito integrado fotónico». Estes circuitos representam o próximo grande passo no setor e terão aplicações importantes para dispositivos quotidianos e aparelhos domésticos. Graças ao seu tamanho compacto, é possível realizar testes complexos com facilidade e conveniência, sem necessidade de um laboratório completo.

O financiamento da UE ajudará a VIGO Photonics a melhorar o desempenho dos seus detetores e módulos e a acelerar a investigação e o desenvolvimento de novos detetores.

«No mercado da Europa Central, existe um défice de financiamento de tecnologias altamente inovadoras. Estas tecnologias disruptivas são arriscadas, mas podem revolucionar indústrias inteiras e, a longo prazo, afetar a economia mundial», afirma Philippe Hoett, gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que liderou a operação de financiamento sob a forma de dívida de risco a favor da VIGO Photonics.

ANTICORPOS QUE SE ADAPTAM

Os tratamentos baseados em anticorpos policlonais de uma empresa francesa poderão frustrar um ataque biológico ou pôr termo à próxima pandemia, adaptando-se às mutações dos vírus

De certa forma, a Fabentech deve a sua existência a pestes. A história desta empresa francesa dedicada a tratamentos para vírus mortais e biotoxinas começou com dois surtos epidémicos bem conhecidos: o Ébola e a gripe aviária, também designada por «peste aviária». Bertrand Lépine fundou a empresa em 2009 com a ideia de aperfeiçoar tecnologia licenciada pela Sanofi Pasteur, onde tinha trabalhado anteriormente, com o objetivo de criar tratamentos à base de anticorpos policlonais que neutralizassem toxinas e vírus letais de forma mais eficaz do que as técnicas existentes, como as terapias monoclonais. A Sanofi Pasteur tinha já desenvolvido tratamentos à base de anticorpos policlonais que impediam que o veneno produzido por cobras e escorpiões penetrasse nas células humanas. Lépine pensou que seria possível utilizar a mesma abordagem para doenças mortais.

Em 2012, a empresa realizou ensaios clínicos para um tratamento contra a gripe aviária e, em 2015, colaborou com a Organização Mundial da Saúde e com a Agência Europeia de Medicamentos em tratamentos contra o Ébola. Em 2017, estabeleceu uma parceria com o exército francês para criar um antídoto contra uma biotoxina altamente letal de origem vegetal. Embora todos os tratamentos fossem promissores, nenhum deles foi comercializado em grande escala. Antes da pandemia, a Europa não estava a responder ativamente a ameaças de ataques biológicos ou a novas formas de doenças infecciosas. Os Estados Unidos, pelo contrário, após os ataques de 11 de setembro, começaram a financiar empresas biotecnológicas em fase de arranque que estavam a desenvolver tratamentos. «Simplesmente não existia uma cultura de preparação para ameaças biológicas na Europa», afirma Sébastien Iva, diretor-executivo da Fabentech.

Surgiu então a pandemia de COVID-19.

«Verificou-se uma mudança de paradigma porque todos os países da UE, juntamente com as instituições europeias, começaram a preparar-se para este tipo de ameaças», explica Sébastien Iva, que ingressou na Fabentech em 2020, exatamente quando a pandemia foi declarada. «Começaram a ser dedicados orçamentos a essa atividade.»

Preparação para ataques biológicos

Um desses orçamentos é o HERA Invest, um instrumento de financiamento da nova Autoridade de Preparação e Resposta a Emergências Sanitárias (HERA) da Comissão Europeia. A Comissão Europeia criou a HERA em 2021. Parte do seu mandato consiste em apoiar a investigação e as empresas europeias dedicadas à resistência antimicrobiana, à biodefesa e à preparação para pandemias.

Em outubro de 2024, o Banco Europeu de Investimento assinou um acordo para a concessão de financiamento sob a forma de dívida de risco à Fabentech no montante de 20 milhões de EUR. Trata-se do primeiro investimento no quadro da HERA. A Fabentech utilizará esses fundos para desenvolver a sua plataforma de anticorpos policlonais FabShield, que nasceu da tecnologia original da Sanofi Pasteur, e para expandir a produção de terapias para tratar vários agentes patogénicos, como o vírus Nipah e os sarbecovírus, a família de

vírus responsáveis pela COVID-19, juntamente com toxinas de origem vegetal. «Para nós, a HERA é um parceiro sólido que nos ajudará a todos a prepararmo-nos para futuras ameaças biológicas, quer se trate de ataques bioterroristas ou de epidemias ou pandemias de origem natural», afirma Sébastien Iva.

A Fabentech lidera um consórcio de empresas e universidades europeias, denominado e-Fabric, que se dedica ao desenvolvimento de tratamentos contra os sarbecovírus, que, segundo a Organização Mundial da Saúde, apresentam um elevado risco de desencadear outra pandemia. O SARS-CoV-2 – o vírus responsável pela COVID-19 – faz parte da família de sarbecovírus. Em janeiro de 2024, o consórcio, que está a trabalhar em tratamentos baseados na tecnologia de anticorpos policlonais da Fabentech, recebeu uma subvenção no montante de 7,7 milhões de EUR ao abrigo do programa Horizonte Europa da Comissão Europeia.

«Esses fundos tinham sido já afetados pela HERA e pela Comissão Europeia», explica Henri-François Boedt, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento responsável pelo investimento de apoio à Fabentech. «E a investigação realizada pelo consórcio incide sobre um domínio onde existe uma grande necessidade de investigação e de financiamento.»

A grande pandemia: COVID-19

Quando Sébastien Iva ingressou na Fabentech, em julho de 2020, o conselho de administração da empresa disse-lhe para redirecionar os esforços da empresa para tratamentos de alto nível para a COVID-19. Com o apoio de fundos da UE, a Fabentech desenvolveu rapidamente um tratamento à base de anticorpos policlonais para a COVID-19 e as suas variantes, denominado FabenCOV. O desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19 em tempo recorde e a rápida mutação do vírus eliminaram, de certa forma, a necessidade desse tratamento, embora este se tivesse revelado promissor na neutralização das variantes conhecidas da COVID-19.

Mas o que se tinha tornado imediatamente evidente para a Europa era a necessidade de identificar outros vírus letais suscetíveis de desencadear rapidamente uma pandemia, bem como de desenvolver um conjunto de possíveis tratamentos. Muitos dos tratamentos para a COVID-19 utilizavam anticorpos monoclonais altamente direcionados, que essencialmente se ligam à proteína S presente na superfície do vírus SARS-CoV-2 e impedem-no de penetrar nas células. Porém, à medida que o vírus vai sofrendo mutações, muitos destes tratamentos perdem a sua eficácia.

Os tratamentos baseados em anticorpos policlonais adotam uma abordagem mais ampla em relação a um vírus ou a uma toxina, identificando e visando vários recetores, ou epitopos, que existem num antigénio. Os antigénios são geralmente proteínas, lípidos ou ácidos nucleicos que se encontram na superfície de um vírus ou de uma toxina. Os anticorpos policlonais ligam-se a vários pontos (epitopos) num único antigénio. Quando se ligam aos epitopos, os anticorpos neutralizam eficazmente o vírus ou a toxina, bloqueando a sua capacidade de penetrar nas células humanas e causar infeções ou doenças. «Os tratamentos policlonais permitirão mesmo neutralizar o vírus a partir de qualquer ângulo», explica Sébastien Iva. «Se tiverem ocorrido mutações, os anticorpos monoclonais já não conseguirão fixar-se tão bem, pelo que não serão muito eficazes. Os anticorpos policlonais conseguirão, ainda assim, fixar-se numa parte do antigénio e, portanto, neutralizar o vírus ou a toxina.»

“ Para nós, a HERA é um parceiro sólido que nos ajudará a todos a prepararmo-nos para futuras ameaças biológicas, quer se trate de ataques bioterroristas ou de epidemias ou pandemias de origem natural. ”



1 000
milhões
de EUR

O porto dinamarquês de Esbjerg, que era já importante para a indústria eólica marítima, desempenha agora também funções de segurança.

3

SEGURANÇA E DEFESA

“ Desempenhamos um papel crucial para aumentar a segurança e a defesa da Europa através do financiamento de infraestruturas vitais e do apoio a empresas que promovem a inovação no setor. Ao investir em cibersegurança, em tecnologias de dupla utilização e em infraestruturas resilientes, o Banco Europeu de Investimento está a reforçar a capacidade da União Europeia de responder a desafios no domínio da segurança e de proteger os seus cidadãos. O nosso financiamento seletivo capacita as indústrias europeias para responderem a ameaças em evolução e para apoiarem uma Europa segura e autónoma. ”

Timo Kiiha, chefe da Divisão responsável por empréstimos ao setor público (Áustria, Alemanha e Países Nórdicos), Direção de Operações do BEI

REINVENTAR ESBJERG

Um porto dinamarquês ao serviço dos navios militares e da indústria eólica marítima

Construído há apenas 156 anos no litoral oeste da Dinamarca, o porto de Esbjerg é relativamente novo em comparação com muitos outros portos dinamarqueses e europeus que estão operacionais há centenas ou mesmo milhares de anos. No entanto, durante a sua vida relativamente curta, conheceu várias transformações ao serviço de diferentes indústrias: a pecuária no séc. XIX, a pesca na década de 1920 e a exploração marítima de petróleo e gás nas décadas de 1960 e 1970. Agora, num momento em que a Europa enfrenta novos desafios, desde a descarbonização a ameaças geopolíticas, Esbjerg está novamente a reinventar-se.

«Começámos a antecipar esta mudança há alguns anos», afirma Dennis Pedersen, diretor do porto. «Os parques eólicos marítimos no mar do Norte são cruciais para a transição energética da Europa, mas são necessários investimentos significativos em infraestruturas para que essa transição se concretize.»

«Depois, em 2022, quando a Rússia invadiu a Ucrânia, percebemos que tínhamos de nos preocupar não só com a descarbonização, mas também com a segurança da Europa.»

Esbjerg desempenha já um papel importante na indústria eólica marítima cujos líderes são empresas dinamarquesas como a Vestas. O porto, que faz parte da rede transeuropeia de transportes e possui boas ligações ferroviárias e rodoviárias, já se revelou um recurso fundamental em cerca de 59 projetos eólicos marítimos no mar do Norte.

Um porto cada vez maior...

Mas as turbinas eólicas marítimas são cada vez maiores. E não param de crescer.

As rotundas nas estradas que conduzem ao porto foram já adaptadas para permitir que camiões extralongos as atravessem diretamente. Porém, as pás das novas turbinas nessa região reputadamente ventosa medem agora mais de 100 metros de comprimento, pelo que o diâmetro e a altura dessas turbinas são cerca do dobro das suas antecessoras. São bem mais altas do que a Torre Vasco da Gama.

O transporte e a montagem dessas estruturas colossais exigem instalações especiais e muito espaço. Para responder a esta necessidade, o porto de Esbjerg está a investir num novo terminal com 57 hectares, uma superfície superior a 106 campos de futebol.

... e mais profundo

Para satisfazer melhor as necessidades de segurança e de defesa da Europa, o porto está também a aprofundar o seu canal de navegação.

Os navios da OTAN já utilizaram o porto para transportar veículos blindados, como tanques M1 Abrams e viaturas de combate de infantaria M2 Bradley dos Estados Unidos da América. Em junho deste ano, o porto recebeu mais de 700 veículos da equipa de combate da 1.ª brigada blindada do exército norte-americano e, em 2021, mais de 300 peças de equipamento destinadas à 81.ª brigada Stryker da Guarda Nacional norte-americana.

“ A expansão da energia eólica marítima durará várias décadas. ”

No entanto, o canal de navegação do porto não é suficientemente profundo para permitir a atracagem de navios de transporte em condições de carga plena ou durante a maré baixa.

Investimentos com dupla utilização

Para o porto de Esbjerg, os investimentos com dupla utilização comportam vários benefícios.

«A expansão da energia eólica marítima durará várias décadas», afirma Dennis Pedersen. «Para além de contribuir para consolidar a nossa posição no setor e apoiar a transição energética da Europa, o nosso plano de investimento irá também preparar-nos para o futuro, abrindo novas rotas para os Estados Unidos.»

Ao reforçar o seu papel como centro de transporte da OTAN, o porto obtém acesso a um financiamento significativo da União Europeia e do seu braço financeiro, o Banco Europeu de Investimento. O porto beneficiará, nomeadamente, de subvenções do Mecanismo Interligar a Europa e do Governo dinamarquês, bem como de um empréstimo de 115 milhões de EUR concedido pelo Banco Europeu de Investimento, que reservou 8 mil milhões de EUR para apoiar a Iniciativa Estratégica para a Segurança Europeia da União Europeia.

Investimentos na segurança e na defesa

Os governos da UE apelaram ao Banco Europeu de Investimento para aumentar o seu apoio à segurança e à defesa da Europa. Consequentemente, o Banco atribuiu prioridade ao apoio ao setor, adaptando os seus critérios de concessão de empréstimos e processos internos e reservando mais fundos. Em 2024, lançou um balcão único para projetos no domínio da segurança e da defesa, a fim de facilitar o acesso das empresas ao seu financiamento e aos seus serviços de aconselhamento.

«Trata-se claramente de um caso de dupla utilização», afirma Txema Urrutia Aldama, especialista do Banco Europeu de Investimento no setor dos transportes. «Na verdade, creio que é o primeiro grande projeto de infraestruturas de dupla utilização que apoiámos.»

BALCÃO ÚNICO DO BEI PARA A SEGURANÇA E DEFESA

No âmbito do seu Plano de Ação para a Indústria da Segurança e Defesa, lançado em maio de 2024, o Banco Europeu de Investimento criou um balcão único para a segurança e defesa, que inclui um gabinete dedicado à segurança e defesa e uma rede de «campeões da defesa» oriundos de todo o Grupo BEI. A iniciativa proporciona à indústria europeia da segurança e defesa um apoio financeiro simplificado, assistência especializada e melhor acesso ao financiamento do Grupo BEI. O objetivo é acelerar o investimento e mobilizar o pacote de 6 mil milhões de EUR de financiamento ainda disponível no quadro da Iniciativa Estratégica para a Segurança Europeia (IESE), bem como aumentar o apoio do Grupo BEI à segurança e defesa da Europa. Ao proporcionar aos clientes e às partes interessadas externas um ponto de entrada único, o balcão único simplifica e facilita o acesso a todo o leque de serviços especializados de apoio técnico e financeiro do Grupo BEI. Está aberto a todas as empresas ou inovadores domiciliados na UE que operam na indústria da segurança e defesa. Entre maio e outubro de 2024, o balcão único já respondeu a 200 pedidos de esclarecimentos sobre definições, elegibilidade e condições de financiamento apresentados por clientes através do seu sítio Web específico.



38,2
mil milhões
de EUR

Modernizar a ligação ferroviária com Gdynia é fundamental para a economia polaca.

4

UMA POLÍTICA DE COESÃO MODERNA

“

A política de coesão é o elemento que mantém as nossas sociedades unidas. Desempenhamos um papel central para fomentar a coesão em toda a União Europeia, financiando projetos que reduzem as disparidades regionais, promovendo o desenvolvimento sustentável e reforçando a integração económica e social. ”

Romolo Isaia, chefe da Divisão responsável por empréstimos à Eslovénia, à Croácia e às empresas italianas, Direção de Operações do BEI

“

Os nossos projetos de infraestruturas de transporte nas regiões da coesão proporcionam novas oportunidades económicas à população. A modernização da ligação ferroviária entre Koscierzyna e Gdynia, por exemplo, aumenta a capacidade de transporte de mercadorias entre o porto e o interior. Resultado: o desenvolvimento económico é acompanhado de uma redução da pegada de carbono e de uma menor dependência de modos de transporte mais poluentes. Torna os centros urbanos mais acessíveis para a população das zonas suburbanas e rurais ao longo da linha e facilita uma mobilidade limpa. ”

Max Jensen, diretor do Departamento de Mobilidade, Direção de Projetos do BEI

“

O nosso contributo para a coesão traduz-se no apoio a investimentos como, por exemplo, novas infraestruturas culturais e na área da música na cidade de Ostrava. Esta cidade checa foi fortemente afetada pela transição para uma economia hipocarbónica devido ao encerramento das minas e à recessão na indústria pesada. Estamos a apoiar um centro que permitirá que as indústrias culturais e criativas contribuam para a diversificação de um novo desenvolvimento económico em toda a região da Morávia-Silésia. ”

Manuel Dueñas, chefe da Divisão de Empréstimos ao Setor Público na Europa Central e do Sudeste, Direção de Operações do BEI

UMA DECISÃO DIFÍCIL

Reconstrução de Ísquia após um sismo e um deslizamento de terras devastadores

Em Casamicciola Terme, na ilha de Ísquia situada no golfo de Nápoles, o deslizamento de terras permanece gravado na memória de todos. «Percebemos imediatamente que tinha ocorrido uma tragédia», recorda Giosi Ferrandino, presidente do município. «A quantidade de escombros enlameados que chegavam ao centro da cidade mostrou-nos a escala do deslizamento de terras e a devastação que causara na colina.» As fortes chuvas que se abateram sobre o monte Epomeo em 2022 provocaram um deslizamento de terras que destruiu casas e arrastou automóveis para o mar, tendo feito 12 vítimas mortais, entre as quais um bebé de três semanas. A tragédia ocorreu apenas cinco anos após o sismo de magnitude 4.0 que abalou toda a ilha, causando a morte de duas mulheres e forçando a evacuação de milhares de habitantes.

A reconstrução após o sismo e o deslizamento de terras é uma tarefa colossal. «Estamos a ajudar Ísquia, assegurando que o Governo italiano tem à sua disposição, quando necessário, fundos para o processo de reconstrução», explica Claudia Barone, gestora de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que acompanhou o empréstimo de 150 milhões de EUR assinado com o ministro italiano da Economia e das Finanças em novembro de 2024 para a reconstrução de infraestruturas públicas e edifícios privados afetados pelo sismo e pelas cheias. Trata-se da primeira parcela de um pacote financeiro de mil milhões de EUR.

Uma reconstrução guiada pela segurança, pela resiliência e pela sustentabilidade

Ísquia é uma ilha paradisíaca, conhecida pelas suas fontes termais, praias imaculadas e paisagens magníficas. Porém, está também exposta a riscos sísmicos. O problema agravou-se ao longo dos anos devido a construções ilegais em zonas de restrições ou de risco, incluindo os leitos dos rios. Esta atividade dificultou a absorção de água pelo solo e pelas árvores, conduzindo a cheias. Os cursos de água naturais que permitiriam drenar os solos foram bloqueados por edifícios e, sem manutenção, os detritos foram-se acumulando.

Casamicciola Terme é particularmente vulnerável a deslizamentos de terras. Os trabalhos de reconstrução começaram há um ano. A maior parte dos seus 8 000 habitantes conseguirão reconstruir as suas casas, mas 20 % terão de se mudar para outra parte da ilha. «É uma decisão difícil, mas necessária para a segurança dos cidadãos», afirma Giovanni Legnini, comissário extraordinário para a reconstrução pós-sismo e comissário delegado encarregado do estado de emergência declarado na sequência dos deslizamentos de terra em Ísquia.

O Banco Europeu de Investimento propôs às autoridades locais um estudo inovador que examina os riscos e vulnerabilidades climáticos. Este estudo, o primeiro deste género em Itália, recomenda também formas sustentáveis de planear, conceber e executar a reconstrução. «A reconstrução de Ísquia passa pela redução dos riscos que estiveram na origem da catástrofe original, gerando simultaneamente um impacto positivo», afirma Marco Cecchetto, engenheiro sénior do Banco Europeu de Investimento.

TRANSIÇÃO EM ALTURA

A empresa de logística WDP equipa os seus armazéns com postos de carregamento de veículos elétricos e painéis solares nas coberturas, ajudando os arrendatários na sua transição para a energia verde

Em 2008, a Warehouses de Pauw (WDP), uma das principais empresas da Bélgica no setor do imobiliário logístico, instalou os primeiros painéis solares nas coberturas dos seus armazéns. «As dimensões destas instalações não eram suficientes para tapar toda a cobertura», afirma Charlotte De Troyer, diretora de *corporate finance* da WDP, que explica que, naquela época, os arrendatários não consumiam tanta eletricidade. Porém, quando a procura de eletricidade disparou, em parte devido à crise energética desencadeada pela invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022, a WDP decidiu mudar de estratégia. «Assistimos a uma eletrificação cada vez maior das operações logísticas, sobretudo do transporte», observa Charlotte De Troyer. «Com esta transição, a procura de eletricidade triplicará ou quadruplicará nos próximos anos.»

Para satisfazer esta procura, a WDP está a instalar painéis solares em toda a superfície das coberturas dos seus armazéns na Roménia, na Bélgica e nos Países Baixos. Graças a estas instalações, a WDP poderá aumentar a sua produção de energia solar para 350 MW até 2027, em comparação com 180 MW no início de 2024. A empresa está também a instalar 480 postos de carregamento de veículos elétricos nos seus armazéns, que alimentarão os camiões que transportam mercadorias de e para os seus centros logísticos.

Uma vez que este tipo de infraestrutura implica custos elevados, o Banco Europeu de Investimento assinou, em julho, um empréstimo de 250 milhões de EUR a favor da WDP para financiar o projeto.

Tornar a cadeia de abastecimento da Europa mais ecológica

A WDP vende aos seus arrendatários a energia verde que produz nas suas coberturas. Embora a alimentação dos próprios armazéns com esta eletricidade não reduza significativamente as emissões de carbono, a sua utilização em veículos de transporte elétricos pode ter um enorme impacto. «Há sempre camiões a entrar e a sair. Por isso, se pudermos ajudar esses clientes a eletrificarem a sua frota de transporte, estaremos a dar um contributo importante», afirma Charlotte De Troyer.

Projetos como o da WDP desempenharão um papel crucial para ajudar a Europa a reduzir drasticamente as emissões de carbono e a atingir o objetivo de emissões líquidas nulas até 2050. A WDP é um dos vários projetos de instalações solares que o Banco Europeu de Investimento contratualizou recentemente com empresas logísticas. David González García, engenheiro principal responsável pelos programas de transição energética no Banco Europeu de Investimento, concorda. «O que torna o projeto especial é o facto de usar terrenos que já são utilizados, pelo que não há lugar à ocupação de mais terras», explica. «Os painéis solares são instalados na cobertura dos armazéns que já lá estão. Além disso, o projeto poderá até ajudar a rede de eletricidade.»

“A procura de eletricidade triplicará ou quadruplicará nos próximos anos.”

EXPANDIR A ENERGIA VERDE

A Elektro Ljubljana empenha-se na modernização da sua rede e acelera a transição energética

A Elektro Ljubljana, a operadora da maior rede de distribuição de eletricidade da Eslovénia, assumiu o desafio de modernizar e ampliar a rede nacional para ajudar o país a cumprir as suas metas climáticas. A infraestrutura de eletricidade da Elektro Ljubljana cobre 30,4 % do país, servindo todas as áreas das regiões central e sudeste da Eslovénia. «Os investimentos que planeámos permitir-nos-ão desenvolver uma rede de distribuição de eletricidade mesmo em zonas remotas», afirma Urban Likozar, presidente do Conselho de Administração da empresa. «Facilitamos assim o progresso económico e social dessas zonas do nosso país onde, de outro modo, o desenvolvimento seria mais lento do que nos centros urbanos.»

Trata-se de um passo importante para a Eslovénia, que realizou grandes progressos no domínio das energias renováveis. A energia hidroelétrica e a energia solar representam uma proporção cada vez maior da sua produção de eletricidade. O plano nacional do país em matéria de energia e clima visa reduzir em 55 % as emissões de gases com efeito de estufa até 2033 em comparação com os níveis de 2005 e aumentar para 33 % a proporção de energias renováveis no consumo total de energia até 2030.

“**As pessoas empenhar-se-ão mais na gestão do seu consumo de energia.**”

«Um dos aspetos mais promissores deste projeto é o seu contributo para satisfazer as necessidades urgentes da Eslovénia em matéria de infraestruturas energéticas com capacidade para integrar fontes renováveis, especialmente sistemas fotovoltaicos solares», explica Katja Belsak, gestora de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento. «O rápido aumento do número de instalações fotovoltaicas colocou uma

pressão enorme sobre a rede, causando atrasos e rejeições em regiões onde a infraestrutura está sobrecarregada.»

Este problema afeta sobretudo as zonas remotas. Em setembro de 2024, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 50 milhões de EUR a favor da Elektro Ljubljana para ampliar e modernizar a rede de distribuição de eletricidade nas regiões central e sudeste do país.

Promover as energias renováveis

A Elektro Ljubljana modernizará as linhas aéreas, instalará cabos subterrâneos e renovará os transformadores e as subestações. Dispositivos como contadores inteligentes, postos de carregamento de veículos elétricos e bombas de calor permitirão gerir melhor as necessidades energéticas através de energia limpa e de ferramentas digitais. «As pessoas desempenharão um papel mais ativo na gestão do seu consumo de energia, pautando o seu uso diário pelos objetivos climáticos», afirma Katja Belsak. «Esta ligação entre a melhoria das infraestruturas locais e os objetivos climáticos mundiais é um avanço prático e inspirador no sentido do desenvolvimento sustentável.»

Este projeto ajudará a Eslovénia na transição para uma energia mais limpa, reduzirá o impacto ambiental e facilitará a utilização de eletricidade nos transportes, na indústria e noutros setores. A rede de eletricidade da Eslovénia tornar-se-á mais fiável e eficiente e, ao mesmo tempo, os preços da eletricidade manter-se-ão acessíveis. O projeto apoia igualmente a coesão económica e social, garantindo igualdade no acesso a infraestruturas energéticas modernas em todo o país.

UMA VIA PARA O MAR

Empresa polaca moderniza e eletrifica uma linha ferroviária de 90 km para melhorar o transporte de mercadorias para Gdynia e o transporte de passageiros para o porto e a região em geral

A infância de Aleksandra Merchel-Koter ficou marcada pelas histórias que o pai e o avô lhe contavam sobre o seu trabalho nos caminhos de ferro. «Os comboios sempre me fascinaram», afirma. Por isso, optou por seguir os passos do seu pai e do seu avô e obteve uma licenciatura em Engenharia Ferroviária na Universidade de Tecnologia de Gdańsk. Hoje, enquanto diretora de projetos da PKP Polskie Linie Kolejowe, pretende melhorar a rede rodoviária da Polónia e aumentar as suas ligações. Aleksandra Merchel-Koter trabalha há mais de dez anos num projeto particularmente importante para ela: a modernização da linha 201, com uma extensão de 90 km, que liga as cidades de Kosciierzyna e de Gdynia, no norte da Polónia. Este projeto visa a construção de uma segunda via férrea e a eletrificação da linha, melhorando assim o transporte para o movimentado porto de Gdynia. Estas alterações ajudarão também a reduzir o congestionamento em rotas paralelas e a oferecer melhores transportes aos habitantes locais. «A linha, que foi construída na década de 1920, deveria ter tido duas vias», explica Aleksandra Merchel-Koter. «O que estamos a fazer agora é retomar a ideia original.»

O Banco Europeu de Investimento apoia o projeto com um empréstimo de 480 milhões de EUR, assinado em julho de 2024. O projeto é uma fase crucial da modernização dos caminhos de ferro, estabelecendo a ligação entre Bydgoszcz e a região que abrange três cidades, a saber, Gdańsk, Sopot e Gdynia.

Uma linha vital para o norte da Polónia

A modernização da linha 201 permitirá a circulação de mais comboios e a maior velocidade. Com a construção de uma segunda via paralela à existente, os comboios poderão circular nos dois sentidos em simultâneo. «Uma ligação fiável com o porto de Gdynia é essencial, não só para a região como para todo o país», afirma Aleksandra Merchel-Koter.

Graças ao empréstimo do Banco Europeu de Investimento, a PKP Polskie Linie Kolejowe poderá executar o seu ambicioso projeto. Este investimento ajudará a empresa a construir novas estações e a modernizar as existentes, facilitando também a futura instalação do sistema europeu de controlo dos comboios, um sistema normalizado de sinalização ferroviária concebido para melhorar a segurança, a interoperabilidade e a eficiência dos caminhos de ferro europeus. «O projeto incentiva mais pessoas a viajarem de comboio e promove a utilização dos caminhos de ferro em vez da estrada para o transporte de mercadorias», explica Adam Gephard, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que trabalhou na operação. «Uma vez que se localiza em zonas menos desenvolvidas, contribuirá para o desenvolvimento regional e para melhorar o acesso a transportes sustentáveis.»

“ Uma ligação fiável com o porto de Gdynia é essencial... para todo o país. ”



8,7
mil milhões
de EUR

Quando a sua indústria mineira encerrou, Ostrava teve dificuldade em encontrar uma nova identidade. Um novo projeto urbano integra o património cultural da cidade checa e põe os olhos no futuro.

5

INFRAESTRUTURAS SOCIAIS

“

Todos os anos, desenvolvemos cidades resilientes para as gerações futuras, construímos habitação social e a preços acessíveis e prestamos serviços urbanos sustentáveis. Trabalhamos em estreita colaboração com os nossos parceiros bancários em investimentos estratégicos nos setores das infraestruturas essenciais, da saúde, da educação e da habitação em toda a Europa. Orgulho-me por ver o nosso trabalho traduzido em projetos que geram crescimento económico, emprego e progresso em benefício de todos os europeus. ”

Gemma Feliciani, diretora do Departamento de Instituições Financeiras, Direção de Operações do BEI

“

Investir na educação dos nossos filhos – por outras palavras, no futuro de todos – é uma oportunidade única para superar os desafios à nossa prosperidade e liberdade. O Banco desempenha um papel fundamental no apoio a todos os níveis de ensino e na melhoria das competências dos estudantes europeus. Constatamos uma necessidade crescente de investir no ensino superior, especialmente em residências universitárias, para proporcionar aos estudantes de meios socioeconómicos desfavorecidos a oportunidade de prosseguirem os estudos e materializarem plenamente os seus talentos. ”

Patricia Castellarnau, chefe da Divisão de Educação e Investigação Pública, Direção de Projetos do BEI

ESPAÇOS PARA CRESCER

Em Chipre, os estudantes têm dificuldade em encontrar alojamento a preços acessíveis. Uma universidade e um município estão a construir alojamentos sustentáveis para resolver o problema

Konstantinos Karseras pretendia mudar-se para Limassol a fim de iniciar os seus estudos em multimédia e artes gráficas na Universidade de Tecnologia de Chipre, mas os confinamentos devidos à pandemia de COVID-19 obrigaram-no a suspender o seu plano. Em 2022, quando a universidade reabriu as suas portas, Konstantinos Karseras deparou-se com um desafio inesperado: encontrar um local onde morar em Limassol. «Durante três meses, tive de me deslocar todos os dias de Pafos para Limassol para frequentar as aulas e poder prosseguir os meus estudos», explica. «Tive de o fazer porque a oferta de apartamentos era muito reduzida ou as rendas eram incomportáveis para nós, estudantes.»

Depois de procurar durante meses, Konstantinos Karseras conseguiu finalmente encontrar alojamento. No entanto, todos os anos, as centenas de estudantes que se inscrevem na universidade enfrentam o mesmo problema. Por esse motivo, a Universidade de Tecnologia de Chipre decidiu construir habitações para estudantes a preços acessíveis e modernizar as instalações dos seus *campus* nas cidades de Pafos e Limassol. O projeto irá proporcionar mais de 700 novas camas em residências estudantis e expandir as instalações académicas, de investigação e desportivas da universidade. «Com esta iniciativa, vamos alojar um terço dos nossos estudantes universitários, atingindo a maior disponibilidade residencial de todas as universidades de Chipre», afirma Panayiotis Zaphiris, reitor da universidade.

Em 2024, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 125 milhões de EUR para ajudar a universidade e o município de Pafos a concretizar os seus ambiciosos projetos e garantir que os alojamentos estudantis previstos são sustentáveis e cumprem as mais elevadas normas de qualidade.

«Os estudantes estão muito satisfeitos», afirma Konstantinos Karseras, que é atualmente o representante dos estudantes no conselho de administração da universidade, com a missão de ajudar outros colegas que enfrentam o mesmo desafio. «O facto de a universidade disponibilizar alojamento e educação é, hoje em dia, um dos aspetos mais atrativos da prossecução de estudos superiores.»

Alojamento para estudantes no continente europeu

Em 2024, o Fundo Europeu de Investimento investiu mais de 50 milhões de EUR para apoiar a construção de alojamento para estudantes na Europa Central e Oriental. O Banco Europeu de Investimento financiou outros grandes projetos de alojamento para estudantes, o que sublinha a importância crescente desta questão. Estes projetos incluem:

- a construção e a renovação de instalações administrativas, académicas e de investigação, bem como de novos alojamentos para estudantes na Universidade de Camerino, em Itália;
- a modernização da Universidade de Medicina e Farmácia Grigore T. Popa, em Iasi, na Roménia, juntamente com a construção de novos alojamentos para estudantes e instalações de investigação;
- a renovação, a ampliação e a construção de instalações educativas na região da Catalunha, em Espanha;
- a construção e a renovação de escolas secundárias na região do Ródano, em França.

MUITAS HABITAÇÕES PARA ARRENDAMENTO

O antigo bairro vienense de Nordbahnhof demonstra por que razão a Áustria é líder no setor da habitação a preços acessíveis

Em Viena, nos 85 hectares de uma gare de triagem de mercadorias desativada, anexa à antiga estação ferroviária Norte, entretanto demolida, ergue-se um dos maiores projetos de renovação urbana da Europa Central. O novo bairro alberga escritórios, restaurantes, espaços verdes, um centro de congressos e um parque de estacionamento público totalmente alimentado pelos painéis solares nele instalados, bem como milhares de novos apartamentos construídos em torno de um parque urbano de 10 hectares que foi deixado livre como zona de natureza protegida. Em muitas cidades, os apartamentos construídos num empreendimento desta envergadura estariam fora do alcance de pessoas com um salário médio. Todavia, na zona reabilitada de Nordbahnhof, uma grande percentagem das novas habitações é acessível aos cidadãos vienenses comuns. «Gosto muito de viver num bairro bonito e central, muito calmo e com muito *charme*», afirma Nathalie Stevanovic, que mora num apartamento da Österreichisches Volkswohnungswerk (ÖVW), uma filial do banco austríaco Erste Bank e um dos maiores proprietários da cidade, num empreendimento imobiliário cofinanciado pelo Banco Europeu de Investimento. «É particularmente atrativo para a geração mais jovem.»

A disponibilidade de habitação a preços acessíveis em Viena e noutras cidades austríacas é o resultado de um sistema cuidadosamente concebido, com base no qual quase metade da população é arrendatária, em vez de proprietária, da casa em que habita. Em Viena, a percentagem de arrendatários chega a atingir 75 %.

Uma receita austríaca

Um elemento central da abordagem austríaca é o conceito de «associação de habitação com fins lucrativos limitados», que disponibiliza alojamento para arrendamento a tarifas normalmente 25 % inferiores ao valor de mercado. Dois outros fatores contribuem para o sucesso da Áustria no domínio da habitação: o acesso a terrenos a preços acessíveis e a existência de uma estrutura de financiamento estável. Os promotores têm acesso a terrenos de primeira qualidade, muitas vezes provenientes de espaços públicos reutilizados, como as antigas gares ferroviárias de triagem, em troca da afetação de até 75 % dos seus projetos à habitação a preços acessíveis. Esta solução assegura uma oferta constante de unidades habitacionais a preços acessíveis nos novos empreendimentos imobiliários. Entretanto, os empréstimos a longo prazo e com juros fixos, como os concedidos pelo Banco Europeu de Investimento, a taxas vantajosas, proporcionam a estabilidade financeira necessária para manter as rendas baixas. «O nosso objetivo enquanto empresa é proporcionar habitação a preços acessíveis», afirma Andreas Reittinger, diretor-executivo da ÖVW. «O financiamento previsível a longo prazo é especialmente importante para que possamos garantir rendas fiáveis, mesmo quando as taxas de juro sobem.»

“É particularmente atrativo para a geração mais jovem.”

O Banco Europeu de Investimento e o Erste Bank assinaram mais de 500 milhões de EUR em empréstimos nos últimos cinco anos para apoiar projetos de habitação a preços acessíveis, a par de um empréstimo de 100 milhões de EUR para a construção de residências energeticamente eficientes e para a renovação das já existentes. Em 2024, o Banco Europeu de Investimento contratou um empréstimo de 175 milhões de EUR à Salzburger Sparkasse e à Tiroler Sparkasse, ambas pertencentes ao Grupo Erste Bank, para a construção de apartamentos para arrendamento a preços acessíveis e energeticamente eficientes em Salzburgo e em Innsbruck.

OSTRAVA REGRESSA AO PALCO

Ostrava reinventa-se, integrando uma sala de concertos de última geração na sua Casa da Cultura, para se transformar numa metrópole moderna

Ostrava é uma cidade caracterizada pelo seu espírito pragmático, sendo os seus habitantes conhecidos pela sua franqueza e determinação. Este estilo «sem rodeios» cativou Jan Žemla, diretor-geral da Filarmónica Janáček de Ostrava, quando chegou à cidade. Profundamente convicto do poder transformador da música, nela se inspirou para lançar um novo projeto que fará pulsar novamente o coração cultural de Ostrava.

Tudo começou quando Jan Žemla descobriu que os ensaios da orquestra decorriam na Casa da Cultura, um edifício cuja inauguração remonta ao início da década de 1960. «O edifício estava numa situação técnica tão delicada que exigia uma reconstrução», recorda Jan Žemla. «Os inúmeros problemas técnicos, na instalação elétrica e de água por exemplo, impediam-nos de atuar e ensaiar em boas condições. Acima de tudo, a sala carecia da acústica indispensável a uma orquestra.»

“**Trata-se de imprimir um novo rumo à cidade de Ostrava.**”

A famosa orquestra, que recebeu o nome do compositor Janáček, precisava de uma nova sala e Jan Žemla recorreu ao apoio das autoridades locais para o conseguir. Foi assim que arrancou o projeto de renovação da Casa da Cultura e a sua ampliação com uma nova sala de concertos. O novo edifício aliará a acústica contemporânea com a preservação histórica, oferecendo um espaço com 1 300 lugares, consagrado às atividades culturais e educativas. «O nosso objetivo é criar algo que sirva a comunidade e coloque Ostrava no mapa cultural da Europa», afirma.

O Banco Europeu de Investimento está a apoiar este projeto com um empréstimo de 2 mil milhões de coroas checas (84 milhões de EUR) à cidade de Ostrava, assinado em julho de 2024.

Apoiar uma região em transição

A construção de uma sala de concertos de última geração, juntamente com a renovação da imponente Casa da Cultura, exige um financiamento substancial, um planeamento meticuloso e um lapso de tempo considerável. O projeto beneficia também de uma subvenção de 500 milhões de coroas checas (21 milhões de EUR) do mecanismo de crédito ao setor público ao abrigo do Mecanismo para uma Transição Justa, da União Europeia.

«Trata-se de um projeto emblemático para a Chéquia, que pode servir de exemplo para projetos semelhantes em todo o país», afirma Peter Chovan, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento.

Ostrava foi outrora conhecida como o «coração negro» da República Checa, devido ao seu rico património industrial e mineiro. Quando as minas encerraram, na década de 1990, a cidade esforçou-se por encontrar uma nova identidade. «Não se trata apenas de construir uma sala de concertos», esclarece Kamil Dörfler, especialista sénior em desenvolvimento urbano no Banco Europeu de Investimento, que esteve estreitamente associado à elaboração deste projeto. «Trata-se de imprimir uma nova orientação à cidade de Ostrava, que lhe permita assumir a sua herança cultural e adotar uma perspetiva de futuro.»

BANCA E ÉTICA NÃO SÃO INCOMPATÍVEIS

Em Itália, um «banco ético» presta apoio a empresas lideradas por mulheres, a projetos nas regiões mais pobres e a refugiados

 O facto de ter sido necessário inventar o termo «banca ética» para designar um novo tipo de instituição de crédito é revelador de que os princípios morais são a última coisa a ocorrer em que a maioria das pessoas pensa quando se trata de bancos. No entanto, algumas instituições financeiras estão a desafiar este lugar-comum e a redefinir o que significa ser um banco nos dias de hoje. O Banca Etica é um excelente exemplo desta tendência. Sendo o primeiro banco de financiamento ético de Itália, pretende promover uma revolução no setor bancário. Com o seu mais recente projeto, o Banca Etica pretende combater a exclusão financeira das pessoas mais vulneráveis: as mulheres, os refugiados e as empresas das regiões menos desenvolvidas de Itália.

«Defendemos a ideia de que associar as palavras "ética" e "banca" não é um paradoxo – é uma possibilidade concreta e uma oportunidade de negócio», afirma Tommaso Rondinella, responsável pelos modelos de impacto e pela avaliação socioambiental do Banca Etica. «Este conceito representa o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro.»

O novo projeto do Banca Etica deverá estimular a mobilização de 168 milhões de EUR em investimento e criar um efeito em cadeia positivo na sociedade. O Banco Europeu de Investimento está a apoiar este projeto com um empréstimo de 60 milhões de EUR, assinado em julho de 2024.

Os centros de acolhimento de refugiados desempenham um papel fundamental na facilitação da integração social, mas têm frequentemente dificuldade em obter o fundo de manuseio de que necessitam. Com esta nova iniciativa, o Banca Etica disponibilizará pelo menos 30 % do empréstimo para manter operacionais os centros de acolhimento para requerentes de asilo e refugiados, a fim de os ajudar a integrarem-se e a entrarem no mercado de trabalho. «Estamos a tentar apoiar um quadro sólido de acolhimento e integração», afirma Tommaso Rondinella.

Apoio e garantia

O Banco Europeu de Investimento também prestará apoio técnico, no âmbito do seu programa de assistência técnica ao financiamento social inclusivo, para ajudar o Banca Etica a utilizar os seus recursos de forma mais eficaz. Financiada pela plataforma de aconselhamento InvestEU, este programa prestou assistência a cerca de 60 instituições de microfinanciamento e de crédito em mais de 20 países da UE, centrando-se em investimentos de elevado impacto social e oferecendo ajuda no planeamento de investimentos e no desenvolvimento de projetos.

Em agosto de 2024, o Fundo Europeu de Investimento celebrou um acordo de garantia de 200 milhões de EUR com o Banca Etica. Ainda no âmbito do programa InvestEU, a garantia permitirá ao Banca Etica expandir as suas atividades de concessão de empréstimos a empresas ecológicas que pretendam investir numa transição ecológica e sustentável, a empresas ativas nos setores cultural e criativo e a outros beneficiários, como os estudantes, os formandos e as empresas prestadoras de serviços de educação.



6,4
mil milhões
de EUR

A empresa dinamarquesa Matr Foods produz um substituto da carne que simula o sabor profundo e a textura suculenta da carne, sem comprometer a saúde ou o meio ambiente.

6

AGRICULTURA E BIOECONOMIA

“ Um dos principais objetivos do Pacto Ecológico da UE consiste na transição para um sistema agroalimentar mais sustentável, capaz de proporcionar alimentos saudáveis, fibras, bioenergia e biomassa para todos. A nossa atenção centra-se na segurança alimentar, na resiliência hídrica e na proteção da natureza, a par do reforço da competitividade. A pegada de algumas cadeias de valor tradicionais deve ser reduzida para níveis consentâneos com uma trajetória hipocarbónica para o setor, explorando plenamente em simultâneo o potencial de aumento dos reservatórios de carbono e a biodiversidade na biomassa e nos solos, a fim de compensar as emissões residuais inevitáveis. Todos os anos, o Banco Europeu de Investimento concede mais de 5 mil milhões de EUR de financiamento sob a forma de empréstimos ao setor, 70 % dos quais chegam aos agricultores e às pequenas empresas ativas na cadeia de valor através de linhas de crédito intermediadas canalizadas através dos bancos. Este financiamento é complementado por investimentos adicionais mobilizados através do Fundo Europeu de Investimento. ”

Felipe Ortega Schlingmann, chefe da Divisão de Bioeconomia, Direção de Projetos do BEI

“ Estamos empenhados em soluções energéticas sustentáveis que impulsionem a economia circular. Ao converterem resíduos agrícolas em combustíveis renováveis, por exemplo, os nossos projetos exemplificam de que forma os princípios da economia circular podem reduzir as emissões em setores difíceis de descarbonizar e com elevadas pegadas de carbono, como os transportes aéreo e marítimo. O nosso trabalho nos domínios da agricultura e da bioeconomia reforça a resiliência energética da Europa e cria empregos de qualidade. ”

Gilles Badot, diretor dos departamentos do Mar Adriático e da Região Ibérica, Direção de Operações do BEI

UM RESERVATÓRIO DE RESILIÊNCIA

As alterações climáticas estão a provocar secas severas em Creta, mas um novo projeto de barragem e irrigação fará face a estes efeitos e relançará a agricultura

Em Amari, um município cretense situado a sul de Rethymno, a história, a cultura e a economia estão interligadas com o fértil vale que o circunda. Mas as secas recorrentes, intensificadas pelas alterações climáticas, ameaçam a agricultura da região, conduzindo a uma potencial desertificação. Para fazer face a este problema, o município tenciona recorrer ao rio que percorre o vale, o Platys.

Juntamente com o Ministério dos Transportes e das Infraestruturas da Grécia, o município planeia construir uma barragem com uma capacidade de armazenamento de 21 milhões de m³, uma rede de irrigação que se estenderá por 4 350 hectares e cerca de 20 km de tubagens. O objetivo consiste em melhorar a irrigação nas prefeituras de Rethymno, Messara e Heraklion, regiões que constituem o coração agrícola da ilha. «A construção da barragem é uma resposta necessária ao agravamento da escassez de água, devida especialmente às secas severas causadas pelas alterações climáticas», explica Pantelis Mourtzanos, presidente da Câmara de Amari, que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do projeto. «O novo reservatório permitirá uma gestão eficiente dos recursos hídricos, garantindo um abastecimento regular para a irrigação das culturas.»

O Banco Europeu de Investimento e o Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa comprometeram-se a disponibilizar 80 milhões de EUR cada um para apoiar estes novos investimentos decisivos em Creta. O empréstimo foi assinado em janeiro de 2024.

As alterações climáticas são reais

Ao longo da última década, Creta registou uma queda acentuada da precipitação e uma maior frequência das secas extremas. Em 2023, a precipitação não passou de 40 % dos níveis normais e, no início de 2024, registou-se uma falta de chuva semelhante. Paralelamente, a temperatura média aumentou 0,5 °C em comparação com o período de 1991 a 2020. A diminuição do volume de água disponível, o aumento das temperaturas e a desertificação indicam que a crise climática já está a afetar a ilha. Esta situação tem consequências graves para os seus habitantes, com impactos negativos na sua qualidade de vida e em setores críticos, como o turismo e a agricultura.

Faistos, outro município da região de Messara, está entre as localidades que sofrem com este impacto. Na região, em centenas de parcelas, cultiva-se uma grande diversidade de frutas e legumes com vista à exportação para toda a Europa. Trata-se de uma fonte essencial de rendimento e de subsistência para os seus habitantes. «Os fenómenos meteorológicos sempre foram imprevisíveis, mas, nos últimos cinco anos, tornaram-se tão intensos que começam a ser assustadores», observa Grigoris Nikolidakis, presidente da Câmara de Faistos. «Se não tomarmos medidas, a água de que dispomos não será suficiente para a nossa população.»

“ Os fenómenos meteorológicos sempre foram imprevisíveis, mas, nos últimos cinco anos, tornaram-se tão intensos que começam a ficar assustadores. ”

COMBUSTÍVEL DE ORIGEM DIFERENTE

A fábrica da Moeve, orçada em mil milhões de euros, transformará óleos vegetais usados e os seus resíduos em biocombustível que pode abastecer os transportes pesados e a aviação

Uma vez quente e crepitante, o óleo alimentar pode transformar tubérculos insípidos em batatas fritas deliciosas e estaladiças. Depois, esse óleo pode ainda ser transformado em biocombustível para abastecer um camião ou um avião. Se produzirmos biocombustível em quantidade suficiente, começamos a reduzir as emissões de carbono de todos os tipos de transporte, especialmente os mais difíceis de descarbonizar, como os veículos pesados e a aviação.

A empresa espanhola Moeve está a construir em Huelva, na Andaluzia, uma unidade de produção de biocombustíveis de segunda geração que poderá transformar, em cada ano, 600 000 toneladas de resíduos de gordura, óleos usados e outros resíduos em biodiesel à base de óleo vegetal tratado com hidrogénio e em combustível de aviação sustentável. Este volume equivale a cerca de 1 % de todo o combustível para aviação utilizado na Europa.

«O que estamos a produzir nesta fábrica, que é relativamente nova, é gasóleo renovável. Contém exatamente a mesma molécula que o gasóleo normal ou o querosene para aviação», explica Matteo Vaglio, diretor de biocombustíveis da Moeve, anteriormente conhecida como Cepsa. «A única coisa que muda é a origem da molécula, que não é fóssil, mas biológica. Provém de resíduos.»

Moléculas verdes

A nova fábrica de biocombustíveis faz parte da transição da Moeve para a energia verde. Segunda maior empresa de petróleo e gás em Espanha, a Moeve pretende reduzir as suas emissões de carbono em 55 % até 2030 e alcançar a neutralidade carbónica até 2050. A transição da empresa inclui ainda a instalação de postos de carregamento ultrarrápido para veículos elétricos nas suas estações de serviço em Espanha e Portugal.

O Banco Europeu de Investimento concedeu à Moeve um empréstimo de 415 milhões de EUR para a nova fábrica de biocombustíveis que a empresa está a construir com a sua parceira Bio-Oils, uma filial da Apical, uma das principais empresas transformadoras de óleos vegetais de Singapura. O investimento total na fábrica deverá ascender a 1 200 milhões de EUR.

«A Moeve é realmente pioneira», afirma Luis Velosa, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento responsável pelo projeto. «De todas as empresas de petróleo e gás, é a que tem a estratégia de descarbonização mais ambiciosa.»

Combustíveis à base de gordura

As novas diretivas da UE sobre energias renováveis e combustíveis de aviação sustentáveis estão a impulsionar este mercado de resíduos, que se transformam em matérias-primas. As diretivas exigem que, até 2030, o gasóleo e outros combustíveis contenham um mínimo (geralmente, apenas uma pequena percentagem) de biocombustíveis e que esta percentagem aumente significativamente até 2050.

“ **A Moeve é, de facto, uma empresa pioneira.** ”

A nova fábrica da Moeve apresenta a vantagem de poder transformar diversos tipos de resíduos. «Isto é muito importante», esclarece Carmine Marzano, engenheiro sénior da Divisão de Bioeconomia do Banco Europeu de Investimento, «porque as matérias-primas biológicas não são infinitas no planeta e as metas da UE são muito ambiciosas.»

PICADO DE COGUMELOS

A empresa dinamarquesa Matr Foods tira partido da fermentação fúngica para criar um substituto da carne que replica a textura suculenta da carne de bovino

Morten Sommer, investigador em microbiologia da Universidade Técnica da Dinamarca, começou a questionar-se se os micróbios poderiam ser aproveitados para produzir alimentos mais saudáveis e amigos do ambiente. Com a sua colega Leonie Jahn, chamou a atenção de Rasmus Toft-Kehler, um conhecido empresário com quem Morten Sommer fundou várias empresas de biotecnologia, para o potencial dos micróbios. Os três tinham um profundo conhecimento sobre os micróbios e as suas possibilidades, mas nenhum deles sabia como criar alimentos saborosos. Por isso, contactaram o ilustre chefe de cozinha e empresário da restauração Claus Meyer, cofundador do Noma, um restaurante distinguido com três estrelas Michelin e considerado um dos melhores do mundo. «Muito concretamente, disseram-lhe que “a alimentação é uma coisa maravilhosa, mas é também um dos problemas que mais afetam o nosso planeta”», recorda Randi Wahlsten, diretora-executiva da Matr Foods, a empresa que fundaram. «Está a aprofundar as desigualdades, a degradar a natureza e a causar uma crise sanitária.»

Randi Wahlsten ingressou na Matr Foods alguns meses após a sua fundação, em 2021. Depois de trabalhar mais de dez anos na indústria alimentar, desejava adotar uma abordagem mais sustentável à produção de alimentos. Apercebeu-se imediatamente da gama limitada de substitutos da carne que na altura existiam no mercado. «Pensei que poderíamos solucionar este problema da sustentabilidade substituindo a carne por alternativas melhores e mais atrativas do que as disponíveis», afirma. «Essas alternativas envolviam um excesso de processamento e eram pouco aliciantes do ponto de vista gastronómico.»

A equipa começou a desenvolver um novo tipo de carne alternativa. Não imitaria a carne, como faziam os produtos então disponíveis no mercado. Tentaria, em vez disso, proporcionar o mesmo sabor profundo e a mesma textura suculenta da carne de bovino, sem comprometer a saúde humana ou o meio ambiente. Três anos mais tarde, a Matr Foods utiliza, no seu substituto da carne, ingredientes disponíveis localmente na Europa, tais como a beterraba, a batata, o feijão e a aveia, transformando-os num hambúrguer ou num picado com a ajuda de técnicas clássicas de fermentação fúngica. «Obtém-se um sabor *umami* profundo sem processamento excessivo ou aditivos», explica Randi Wahlsten, acrescentando que o sabor se assemelha ao do cogumelo ou do concentrado de tomate intenso. «E os fungos criam uma textura que liberta sucos quando se mastiga, à semelhança da mordida num pedaço de carne realmente suculenta.»

A evolução dos substitutos da carne

A empresa, com sede em Copenhaga, começou por produzir hambúrgueres vegetais manualmente numa cozinha industrial. Fornecia os substitutos de carne a dois prestigiados restaurantes da Dinamarca e à popular cadeia de hamburguerias Gasoline Grill. Os chefes e os clientes ficaram entusiasmados com o produto.

A empresa está agora a investir cerca de 40 milhões de EUR para expandir as suas atividades de investigação e desenvolvimento e para construir e explorar uma nova unidade com capacidade para produzir 3 500 toneladas de substitutos de carne à base de vegetais, quase cem vezes mais do que produz atualmente. Em setembro, o Banco Europeu de Investimento assinou um acordo para conceder à Matr Foods financiamento sob a forma de dívida de risco no valor de 20 milhões de EUR, com o apoio do programa InvestEU.

Os substitutos da carne evoluíram consideravelmente na última década. Os de primeira geração consistiam essencialmente de *tofu* ou de *tempeh* – produtos à base de soja que não se enquadram facilmente nos hábitos alimentares europeus. «A maioria de nós muito dificilmente podia utilizar esses produtos nas receitas que fazíamos em casa», explica Stephan Mitrakas, gestor de investimentos em tecnologias limpas do Banco Europeu de Investimento. Imaginem um esparguete à bolonhesa com pedaços de *tofu*.

Na segunda geração, os esforços para conferir aos substitutos uma maior semelhança com a carne tiveram bastante sucesso. Quando a Impossible Foods, fabricante do Impossible Burger, produzido à base de vegetais, anunciou a sua intenção de entrar em bolsa, estimava-se que a sua valorização poderia aproximar-se dos 10 mil milhões de USD, embora este valor tenha entretanto caído um pouco.

Carmine Marzano, engenheiro sénior da Divisão de Bioeconomia do Banco Europeu de Investimento explicou que alguns destes substitutos continham muitos aditivos e «bastante gordura», muitas vezes resultado da adição de óleos vegetais. Estes produtos contêm uma lista relativamente longa de ingredientes e vários aditivos. O composto é depois misturado e passado por um crivo para parecer carne de hambúrguer. «É como uma máquina de fazer esparguete», especifica Carmine Marzano. «Os fabricantes destes produtos seguem um processo muito semelhante, mas os ingredientes são misturados com extratos de proteínas veganas.»

Uma colherada de esporos de cogumelos

O produto da Matr Foods faz parte da terceira geração de substitutos da carne, que se assemelham mais à carne e podem ser incorporados em pratos ocidentais clássicos, como o molho à bolonhesa ou o empadão de carne. Em vez de aglomerar os ingredientes com aditivos ou gorduras, a empresa simplesmente corta e cozinha batatas, beterrabas, feijões e aveia, misturando depois os vegetais com esporos de fungos selecionados. Coloca a mistura de ingredientes num molde em forma de hambúrguer e submete-a a um processo de fermentação controlado.

É nesta fase que a magia acontece.

Os esporos dos cogumelos germinam e formam micélio, uma estrutura semelhante a uma raiz constituída por fibras ou filamentos. Estas pequenas «raízes» decompõem os nutrientes da mistura de vegetais, libertando aminoácidos e amidos saborosos que, à semelhança da carne, adquirem uma cor dourada quando cozinhados. O micélio liga todos os alimentos entre si, conferindo aos hambúrgueres a sua estrutura e textura suculenta.

«É um pouco como fazer pastelaria», exemplifica Randi Wahlsten. Se simplesmente misturássemos água, farinha e sal e colocássemos essa mistura no forno, não aconteceria absolutamente nada, «mas se adicionarmos massa levedada ou levedura, estes pequenos micróbios, uma vez ativados, modificarão os nutrientes da farinha, conferindo-lhes sabor e textura, e obteremos um magnífico pão. É isso que estamos a fazer.»

“ Um sabor *umami* profundo sem processamento excessivo ou aditivos. ”

MODERNIZAR A PRODUÇÃO LEITEIRA

A Gropper, a segunda maior produtora de leite biológico da Alemanha, moderniza-se para lançar novos produtos e reduzir as emissões

Fundada em 1929, a Gropper ainda hoje é gerida pela mesma família. Três gerações mais tarde, a empresa leiteira alemã adquire leite cru a 780 produtores leiteiros estabelecidos num raio de cerca de 160 km de Bissingen. Estas parcerias são criadas para durar, caracterizando-se por contratos que vigoram por dois ou três anos e por preços justos associados às médias do mercado. «Mantemos relações sólidas com os nossos fornecedores, graças a uma comunicação e colaboração constantes, promovendo a confiança e o crescimento mútuo», afirma Heiner Gropper, diretor-executivo da empresa. «Esta abordagem ajuda-nos a construir uma cadeia de abastecimento resiliente e sustentável para o futuro.»

Porém, num mercado do leite e dos produtos lácteos fragmentado, em que as grandes operações transfronteiriças são pouco frequentes, é difícil financiar a inovação. Pretendendo diversificar a sua gama de produtos e nela incluir *smoothies*, sumos e bebidas à base de leite, a Gropper procurou obter o apoio do Banco Europeu de Investimento. Em setembro de 2024, o braço financeiro da União Europeia investiu 49 milhões de EUR para apoiar a modernização das atuais instalações da Gropper. Este apoio permitirá reduzir o consumo de gás natural e as emissões provenientes do transporte, graças à automatização do armazenamento e da logística. O projeto contempla ainda investimentos em infraestruturas de produção de energias renováveis. «É com grande prazer que colaboramos com a Gropper, dado que se trata de uma empresa familiar», afirma Karol Czarnecki, que acompanha o projeto no Banco Europeu de Investimento. «Empresas como a Gropper são os verdadeiros pilares da economia alemã. Respeitamos profundamente a sua abordagem única que combina a estabilidade empresarial com uma gestão flexível. A nossa colaboração com a Gropper tem sido uma experiência inestimável que nos permite compreender melhor este mercado.»

Uma aposta sustentável

Para promover os seus objetivos no domínio da transição ecológica e da sustentabilidade, a Gropper está a apostar na modernização, implementando técnicas de armazenamento eficientes e uma logística que permite reduzir os quilómetros de transporte entre diferentes lojas. «Esta modernização não se limita a novas ferramentas e técnicas. A nossa visão é contribuir para a sustentabilidade do setor do leite e dos produtos lácteos», explica Heiner Gropper, diretor-executivo da empresa. «Esta visão está em conformidade com as tendências gerais a nível mundial do mercado do leite e dos produtos lácteos, que, não obstante os desafios que enfrenta, continua a inovar em domínios como a redução dos resíduos e a automatização.»

A Gropper está a substituir as suas linhas de produção por uma tecnologia automatizada mais recente e a aumentar a sua capacidade de produção. «Além de melhorar a sua eficiência e a qualidade dos seus produtos, a Gropper está também a gerar economias de energia, à medida que reduz o recurso ao gás natural», afirma Jean-François De Saedeleer, que também acompanhou o projeto no Banco Europeu de Investimento.

UMA SOLUÇÃO DELICIOSA

Com a sua abordagem da aquicultura sustentável baseada na alta tecnologia, a Oceanloop, com sede em Munique, está a trazer a criação de camarão para o século XXI

 camarão-tigre branco tem um problema: é tão saboroso que as pessoas não se cansam de o comer. A procura de camarão está a crescer a um ritmo de 8 % ao ano. Mas a satisfação desta procura tem um enorme custo ambiental e social. O camarão-pata-branca consta da lista vermelha de produtos do mar da Greenpeace International, devido à sua ligação à destruição de mangais, à sobrepesca em meio natural, à poluição e às graves violações dos direitos humanos em alguns países.

A sociedade Oceanloop, com sede em Munique, pretende alterar esta situação. «A nossa tecnologia de cultura de camarão em recinto fechado e totalmente automatizada não sofre interrupções causadas pelas variações meteorológicas e, por isso, pode funcionar de dia e de noite, no inverno e no verão, em praticamente qualquer lugar do mundo», afirma Fabian Riedel, diretor-executivo da empresa.

A empresa de tecnologia de aquicultura desenvolveu um novo tipo de viveiro de camarões que permitirá criar e processar o popular marisco em terra e em climas mais frios como o da Europa, com um impacto ambiental mínimo e em condições ótimas para os animais.

Mangais urbanos

Enquanto a maioria dos camarões é criada em tanques circulares ao ar livre, os da Oceanloop são criados num tanque longo, interior e climatizado, separados em função da idade com a ajuda de paredes móveis. Cada secção dispõe de estratos horizontais empilhados, para que os animais possam repousar, como fariam no seu habitat natural. A água é filtrada e recirculada, num processo em circuito fechado e parcialmente alimentado por energia renovável, para que não sejam necessários antibióticos ou outros produtos farmacêuticos.

«Reparámos há alguns anos que, quando os camarões atingem um determinado tamanho, tendem a passar muito tempo no fundo do tanque», explica Fabian Riedel. «É um fenómeno que ocorre no estado selvagem, mas que não é possível simular nos viveiros tradicionais devido à falta de espaço. Os nossos “mangais urbanos” são como arranha-céus subaquáticos, dando aos camarões espaço adicional para relaxar. Este método tornou o nosso sistema de produção muito mais eficaz, porque os camarões adoram-no.»

A empresa procura agora aumentar a produção, primeiro expandindo o seu projeto-piloto em Kiel, na costa alemã do mar Báltico e, depois, abrindo uma nova exploração, muito maior, na ilha de Gran Canária, em Espanha, que será alimentada por energia eólica e solar. Para financiar os ambiciosos planos da empresa, o Banco Europeu de Investimento concedeu 35 milhões de EUR sob a forma de dívida de risco, ou seja, um empréstimo a longo prazo concebido para ajudar as empresas em fase de arranque e em crescimento a expandirem-se sem diluir a participação dos acionistas. Este financiamento é apoiado por uma garantia do InvestEU, o emblemático programa da União Europeia destinado a estimular o investimento em setores estratégicos.

A photograph of two workers in an industrial setting. On the left, a woman wearing a yellow hijab, safety glasses, and a high-visibility yellow vest with a MAUCH logo. On the right, a man wearing a white hard hat with a MAUCH logo, a plaid shirt, and a high-visibility yellow vest with a MAUCH logo. He is holding a blue clipboard and a pen. The background shows industrial equipment and pipes.

8,4
mil milhões
de EUR

Na Mauritânia, um banco local, apoiado por um empréstimo do BEI, financia pequenas empresas que empregam jovens e mulheres.

INVESTIMENTO GLOBAL DE ELEVADO IMPACTO

“

A Ucrânia precisa de investir em infraestruturas críticas para manter os serviços públicos essenciais. Acompanhamos a Ucrânia neste processo, concedendo financiamento em condições atrativas e prestando assistência técnica. Tenho orgulho no trabalho que estamos a realizar em tão difíceis circunstâncias. ”

Rafal Rybacki, chefe da Divisão Setor Público – Vizinhança Oriental da UE, Direção EIB Global

“

As disparidades existentes entre homens e mulheres estão a aprofundar-se. As sociedades estão a lutar para se tornarem mais inclusivas e sustentáveis. É vital que o nosso financiamento a favor da igualdade de género aumente de ano para ano. Orgulho-me do apoio que estamos a dar às mulheres empresárias no acesso ao capital e a soluções de financiamento para a saúde das mulheres. Tornamos os transportes públicos e os espaços urbanos mais seguros e mais acessíveis para todos e dotamos as mulheres agricultoras de meios para atingirem o seu potencial. ”

Yasmine Pagni, chefe da Unidade de Política Social, Direção de Projetos do BEI

“

A nossa primeira operação de conversão de dívida em investimentos a favor do clima, assinada em dezembro com Barbados, é histórica. Trata-se de um instrumento financeiro inovador, que redireciona fundos que teriam sido utilizados para pagar taxas de juro elevadas sobre dívidas antigas de Barbados, investindo-os em infraestruturas resistentes às alterações climáticas e na recuperação de ecossistemas. Este projeto destina-se a capacitar países vulneráveis. ”

Alexandra Almeida, gestora de empréstimos sénior, EIB Global

UMA CORRENTE QUE FLUI PARA O FUTURO

A Bósnia-Herzegovina lança as bases para a adesão à UE com projetos que refletem a força e a resiliência do seu povo

Todas as manhãs, pelas 5h10, o primeiro elétrico do dia parte de Ilidža, um subúrbio a oeste de Saraievo, em direção ao bazar medieval de Baščaršija, o centro cultural da cidade. Este trajeto diário tornou-se uma pedra angular da vida em Saraievo ao longo dos 140 anos de história da linha de elétrico. Gerações de residentes fizeram esta viagem, com o elétrico a tornar-se parte da identidade da cidade.

Para Esad Mujagić, o elétrico é mais do que um meio de transporte – é o trabalho da sua vida. «Quando comecei a trabalhar para a empresa de transportes públicos da cidade, nos anos 80, não pensei que os elétricos fossem definir a minha carreira», afirma.

Durante o brutal cerco a Saraievo, na década de 1990, com os seus trajetos bloqueados pela violência que se abateu sobre a cidade, os elétricos deixaram de circular pela primeira vez na sua história. Decorridos dois longos anos, o serviço de elétricos foi retomado, apesar de o cerco não ter terminado. Desde então, Esad Mujagić trabalhou diariamente para reparar os danos causados por balas e estilhaços. «Queríamos manter os elétricos a funcionar», recorda Esad Mujagić. «Queríamos que as pessoas tivessem algum sentido de normalidade na sua vida quotidiana.»

Durante anos, após a guerra, os velhos elétricos de Saraievo exibiram as cicatrizes do conflito quando circulavam pela cidade, e Esad Mujagić fez campanha a favor da sua substituição. O seu trabalho árduo acabou por dar frutos em 2024. Pela primeira vez em 40 anos, Saraievo estreou uma frota de elétricos novos de um amarelo resplandecente. Os elétricos estão a ser financiados pelo Banco Europeu de Investimento com dois empréstimos no valor de 75 milhões de EUR. A operação tem por objetivo reduzir o congestionamento do tráfego e resolver um dos problemas mais prementes de Saraievo: a poluição atmosférica.

Os elétricos são apenas um dos muitos sinais de progresso que distinguem o ano de 2024 como um ponto de viragem para os projetos a longo prazo e as ambições europeias da Bósnia-Herzegovina. No início de 2024, os líderes da UE acordaram oficialmente encetar as negociações de adesão. Por todo o país, os grandes projetos de infraestruturas alcançam metas importantes – estão a ser construídas novas estradas, instalados parques eólicos e modernizados hospitais. O Banco Europeu de Investimento estabeleceu parcerias com entidades dos setores público e privado para impulsionar estes progressos.

A última vez que Sarajevo recebeu novos elétricos foi em 1984. Nesse ano, a cidade deu as boas-vindas ao mundo para os Jogos Olímpicos de inverno. Esad Mujagić acredita que os novos elétricos fazem parte de uma iniciativa para recuperar o melhor momento de Saraievo. «É como um regresso aos tempos de antes da guerra. Espero que este projeto seja apenas um de muitos que serão lançados para fazer de Saraievo uma cidade verdadeiramente europeia e colocar o país no caminho da União Europeia.»

A cheia do século

Aninhada num vale rodeado por cinco montanhas cobertas de vegetação, Saraievo estende-se ao longo das margens do rio Miljacka. Nas margens deste rio, celebrado em numerosas canções populares, encontram-se alguns dos monumentos mais famosos da cidade. Mais de uma dúzia de pontes atravessam-no, incluindo a Ponte Latina, local do assassinato do Arquiduque Francisco Fernando, que desencadeou a Primeira Guerra Mundial.

“É como um regresso aos tempos de antes da guerra.”

Uma curta viagem de carro para leste, ao longo do rio Miljacka, conduz os visitantes do centro da cidade para extensas florestas de um verde profundo. Aqui, passamos da Federação da Bósnia-Herzegovina para a Republika Srpska, uma das duas entidades autónomas constituídas após a guerra. A Republika Srpska, habitada por uma população predominantemente sérvia, estende-se por grande parte das regiões leste e norte do país.

Seguindo pela direita, a estrada leva-nos à estância de esqui olímpico de Saraievo. Se seguirmos pela esquerda, percorreremos uma das rotas mais pitorescas do país, até chegarmos a Bijeljina, a segunda cidade mais populosa da Republika Srpska. Tal como Saraievo, Bijeljina tem vivido uma história recente tumultuosa. Em maio de 2014, foi o epicentro da pior cheia da história do Sudeste Europeu. A cheia afetou mais de 100 000 pessoas e obrigou à deslocação de 33 000. Submergiu mais de 90 000 hectares de terra e 35 000 casas e outros edifícios. Os prejuízos foram estimados em mil milhões de EUR.

Durante a última década, Miroslav Čvrgić, diretor-adjunto da entidade pública de gestão da água da Republika Srpska, trabalhou num projeto destinado a proteger a região de futuras inundações. O projeto, parcialmente financiado por 74 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento, permitiu reabilitar 160 km de condutas de água e 100 km de diques, tornando a região mais resistente às inundações, que as alterações climáticas tornaram cada vez mais frequentes. «Estamos agora protegidos de cheias catastróficas como a de 2014, ou aquilo que se designa por “cheia de 100 anos”, observa Miroslav Čvrgić, residente em Bijeljina.

Enquanto fala, começam a cair as primeiras gotas de chuva. «Está tudo bem», afirma, olhando para o céu. «Já não temos medo da chuva.»

«Finalmente, sinto-me um médico a sério»

Aquando das inundações que atingiram a cidade em 2014, o novo hospital prestou o indispensável apoio. O hospital foi a primeira grande infraestrutura de cuidados de saúde a ser edificada na região de Bijeljina desde 1939. «Na altura, era o maior projeto da República Srpska no setor da saúde e todos os olhos estavam postos em nós», revela o Dr. Siniša Maksimović, diretor do hospital durante aquele período.

Inaugurado em 2013, após apenas três anos de construção, o novo hospital substituiu vários estabelecimentos desatualizados, disponibilizando cerca de 250 camas e cinco blocos operatórios. «O equipamento e o edifício eram novos, e a unidade de saúde era a mais moderna do país na altura», afirma Siniša Maksimović. «E temos conseguido manter esse nível.»

Para a enfermeira-chefe Radmila Simić, que trabalha no hospital há 24 anos, a mudança para o novo edifício foi transformadora. «Parecia que o nosso sistema de saúde entrava numa nova era», explica. «Desde então, temos assistido a um rápido progresso.» Atualmente, o hospital atrai doentes de toda a Bósnia-Herzegovina e até de países vizinhos. «Prestamos cuidados de saúde avançados que não estavam disponíveis anteriormente», informa o Dr. Mikajlo Lazić, pediatra e atual diretor do hospital.

O hospital foi construído no âmbito de um projeto no montante de 115 milhões de EUR financiado pelo Banco Europeu de Investimento, que incluiu ainda a reconstrução do centro clínico de Banja Luka, a maior cidade da Republika Srpska. Em 2023, o BEI assinou um outro empréstimo para apoiar a construção de um novo *campus* médico na Universidade de Banja Luka, bem como a continuação da modernização do seu centro clínico. «O mais importante é que os nossos doentes se sintam satisfeitos», afirma Radmila Simić.

O hospital foi um fator de mudança tanto para os doentes como para o pessoal que nele trabalha. «Quando o novo edifício entrou em funcionamento», recorda Siniša Maksimović, «um colega veio ter comigo depois de um turno noturno e confidenciou: “Finalmente, sinto-me um médico a sério”.»

«O rio significa vida»

O município de Bijeljina, situado entre os rios Sava e Drina, não é a única região da Bósnia-Herzegovina definida pelos rios que a percorrem. O próprio país deve o seu nome ao rio Bosna, palavra derivada de um termo que, na língua ilíria, significa «curso de água». No entanto, nenhum rio define melhor uma região do que o Neretva, no sul do país. Com uma extensão de 225 km, o Neretva é famoso pelas suas águas verde-esmeralda geladas – na realidade, as mais frias do mundo. O rio atravessa desfiladeiros impressionantes e cidades históricas, muito em especial Mostar, que alberga um dos monumentos mais emblemáticos do país, a Ponte Velha. Destruída durante a guerra, na década de 1990, e mais tarde reconstruída, é atualmente um poderoso símbolo de reconciliação.

«Nos meus tempos de criança, nadávamos nas praias do centro da cidade, a apenas 50 metros da cidade velha», recorda Emir Nuspačić, que residiu sempre na cidade. «E tomámos isso como garantido.» A deficiente gestão dos sistemas de saneamento levou à deterioração da qualidade da água, ameaçando os famosos tons turquesa e esmeralda do rio. «A expansão da cidade não foi acompanhada pelo adequado planeamento da rede de esgotos e acabámos por ter inúmeras fugas de águas residuais encobertas pela vegetação ao longo das margens do rio», explica.

Nascido e criado em Mostar, Emir Nuspačić nunca deixou a cidade e criou a família nestas margens do rio. «Dizem que a vida é como um rio, mas aqui o rio significa a própria vida», afirma.

Determinado a restituir ao rio todo o seu esplendor, Emir Nuspačić passou a última década a liderar um projeto de limpeza como parte das suas funções na administração da cidade. «Instalámos coletores de lamas de grande diâmetro em ambas as margens do rio para evitar que as águas residuais escoem diretamente para o Neretva. E os resultados já são visíveis.»

A apenas a 25 km a noroeste de Mostar, um concidadão assumiu a missão de salvar o rio da sua terra. Boro Đolo cresceu nas margens do rio Lištica. «Aqui, as pessoas aprendem a nadar antes de aprenderem a andar», afirma.

Um avô de voz suave, Boro Đolo emprega o seu tempo livre a trabalhar com uma organização local para repovoar o rio local com as espécies de peixes nativos da região. A nível profissional, Boro Đolo dedicou 35 anos da sua vida ao setor da água, trabalhando para o município de Široki Brijeg, onde lidera um projeto destinado a melhorar os serviços de águas residuais para proteger o Lištica. O município já construiu e reabilitou 25 km de coletores e 4 km de condutas de evacuação de águas pluviais e está atualmente a construir uma estação de tratamento para servir os seus 15 000 habitantes.

Os projetos em Mostar e Široki Brijeg fazem parte de um esforço mais vasto, financiado pelo Banco Europeu de Investimento e destinado a melhorar a qualidade da água e do saneamento em toda a Federação da Bósnia-Herzegovina. Os 60 milhões de EUR investidos nestas iniciativas fazem parte dos 240 milhões de EUR que o Banco se comprometeu a investir em infraestruturas hídricas e na proteção contra inundações no país.

Com a força do vento

O Banco Europeu de Investimento não está apenas a proteger o ambiente. Está também a ajudar a Bósnia-Herzegovina a preparar-se para a transição ecológica, apoiando os seus objetivos em matéria de energias renováveis. A EIB Global, a direção do BEI dedicada ao desenvolvimento, assinou um empréstimo de 36 milhões de EUR com a empresa pública de eletricidade do país para a construção de um parque eólico de 50 MW no planalto do monte Vlašić, no centro geográfico do país.

O parque eólico destina-se a reforçar o aprovisionamento energético do país e a aumentar a produção de eletricidade a partir de fontes renováveis. Conhecido localmente pelo seu tradicional queijo de ovelha, o monte Vlašić irá em breve acolher 18 turbinas eólicas. Prevê-se que a produção anual de eletricidade do projeto totalize 115 GWh, o suficiente para abastecer 20 000 famílias e reduzir as emissões de CO₂ em 140 000 toneladas por ano, o equivalente a retirar 33 000 carros das estradas durante o mesmo período.

O empréstimo vem juntar-se aos 21 milhões de EUR de subvenções atribuídas pela União Europeia através do Quadro de Investimento para os Balcãs Ocidentais.

Na estrada

Tal como o rio Neretva liga as populações da Herzegovina, uma nova estrada que atravessa a região irá ligar todo o país.

Conhecida como Corredor Vc, esta rodovia de 679 km de extensão ligará Budapeste à costa da Croácia, atravessando a Bósnia-Herzegovina na maior parte do seu percurso. A autoestrada permitirá colocar em contacto pessoas e empresas, encurtar os tempos de viagem e reforçar as relações económicas. Assinala igualmente o caminho real e simbólico que conduzirá o país à União Europeia.

Com mais de 148 viadutos e 46 túneis, o Corredor Vc é o maior projeto de infraestruturas do país. Em 2024, foram registados progressos significativos com o início da construção do túnel mais longo do país e a abertura da ponte da Herzegovina sobre o rio Neretva, com 1 km de extensão. O Banco Europeu de Investimento desempenhou um papel fundamental nestes empreendimentos, tendo investido até à data mais de mil milhões de EUR no Corredor Vc.

“ Já não temos medo da chuva. ”

SOBRE CARRIS

A Albânia está a reconstruir os seus caminhos de ferro com o apoio financeiro e técnico da UE, reduzindo em simultâneo as emissões

A velocidade média de circulação dos comboios que ligam a cidade de Vorë, no centro da Albânia, à fronteira com o Montenegro fica-se pelos 50 km/hora, dada a insuficiente manutenção da via ao longo de décadas. No âmbito da estratégia de crescimento sustentável do país, o Governo está a investir na modernização da rede ferroviária no âmbito de um plano que permitirá reduzir as emissões, melhorar a segurança e encurtar os tempos de viagem. A velocidade média dos comboios nesta linha mais do que duplicará, atingindo 120 km por hora.

Inserido no Plano Económico e de Investimento da Comissão Europeia, o projeto beneficia de um pacote financeiro da UE constituído por um empréstimo de 100 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento, uma subvenção ao investimento de 126 milhões de EUR do Quadro de Investimento para os Balcãs Ocidentais e um empréstimo de 98,75 milhões de EUR do Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento.

Prolongando o corredor do Mediterrâneo da RTE-T central, a linha ferroviária Vorë-Hani i Hotit liga Tirana a Podgorica e, mais adiante, à rede ferroviária europeia principal. Faz parte do plano do Governo da Albânia para reabilitar cerca de 420 km de vias férreas que, partindo da cidade de Durrës, se bifurcam para norte e para leste. Construída principalmente entre 1947 e 1987, a infraestrutura ferroviária albanesa tem vindo a deteriorar-se gradualmente devido à escassez de financiamento e à insuficiente manutenção. O terramoto devastador que assolou o país em 2019 agravou ainda mais a situação.

“**Somos muitos nesta situação e estamos a ajudar-nos uns aos outros.**”

Atualmente, a Albânia pretende modernizar, reconstruir e eletrificar mais de 75 % da sua rede ferroviária ao longo da próxima década.

«O Banco Europeu de Investimento continua a ser um dos nossos parceiros mais importantes na realização de vários projetos estratégicos relativos a infraestruturas rodoviárias e ferroviárias», afirma Belinda Balluku, vice-primeira-ministra e ministra das Infraestruturas e da Energia da Albânia.

Com mais de 1,9 mil milhões de EUR investidos até à data nos caminhos de ferro dos Balcãs Ocidentais, o braço financeiro da União Europeia é um dos maiores financiadores do setor na região. Paralelamente a este financiamento, os peritos do programa de aconselhamento JASPERS, financiado pela Comissão Europeia e pelo Banco Europeu de Investimento, elaboraram um plano de ação destinado a reforçar as capacidades de gestão de projetos de infraestruturas ferroviárias na Albânia.

«O nosso serviço de aconselhamento criou um ambiente propício no seio da companhia ferroviária que permitirá melhorar as suas competências e recolocar os caminhos de ferro no bom caminho», afirma Jakubik Denis, gestor de projeto do programa JASPERS para esta missão.

«Este plano deverá ter um impacto positivo no país, contribuindo igualmente para a integração progressiva dos caminhos de ferro albaneses na rede ferroviária e no mercado europeus, bem como para o processo de adesão do país à UE.»

ESTAMOS TODOS A AJUDAR-NOS UNS AOS OUTROS

Na recuperação da Ucrânia é consagrado um esforço especial ao aquecimento, à eletricidade, à água, aos hospitais, às escolas e ao apoio às mulheres

Vadym Chursin perdeu a mãe muito antes da guerra. O pai, Dmytro, tem sido o seu melhor amigo desde a sua mais tenra idade. Os dois tornaram-se ainda mais próximos desde que fugiram da cidade onde moravam, perto da fronteira sul da Ucrânia, aquando da ocupação por soldados russos. «Atualmente, quase nada resta da nossa casa e não há um único edifício ainda de pé na nossa antiga cidade», explica Vadym, de 16 anos de idade. Nos últimos dois anos, pai e filho alugam metade de uma casa em Odessa, perto da nova escola de Vadym. «Somos o que se designa por pessoas deslocadas. Somos muitos nesta situação e estamos a ajudar-nos uns aos outros.»

Vadym frequenta a escola n.º 41 de Odessa, um dos primeiros estabelecimentos escolares reabilitados no âmbito do primeiro Programa de Recuperação da Ucrânia financiado pelo Banco Europeu de Investimento. O Banco Europeu de Investimento está a contribuir para a renovação de mais de 300 escolas, jardins de infância, hospitais e habitações sociais em cerca de 150 cidades ucranianas. O Banco introduziu melhorias na gestão da eletricidade, do gás, da água, do saneamento e dos resíduos sólidos em mais de uma dúzia de regiões e concluiu mais de 100 projetos. Todas as semanas recebe novos pedidos de ajuda.

As nossas principais iniciativas

- Nos últimos três anos, o Grupo BEI desembolsou mais de 2 mil milhões de EUR para reconstruir cidades e suprir necessidades urgentes na Ucrânia. O Banco emprestou cerca de 4 mil milhões de EUR aos países vizinhos da Ucrânia para ajudas em matéria de habitação, escolas, cuidados de saúde e emprego para os refugiados.
- Um dos mais recentes instrumentos financeiros disponíveis é o denominado «EU for Ukraine Fund», concebido para a reconstrução de edifícios autárquicos, o restabelecimento de serviços públicos e a ajuda aos empresários. Os países da União Europeia comprometeram-se a contribuir com mais de 420 milhões de EUR para este fundo.
- O Banco Europeu de Investimento é parceiro de um instrumento de financiamento da União Europeia denominado «Mecanismo para a Ucrânia», um programa de recuperação no valor de 50 mil milhões de EUR que estará em vigor até 2027. O Banco aplicará mais de 2 mil milhões de EUR deste fundo nos setores da energia, das rodovias, do caminho de ferro, da água, da habitação e da educação.
- Entre os projetos importantes de 2024 contam-se a implantação na Ucrânia do 112, o número telefónico de emergência europeu que permite contactar a polícia, ambulâncias ou os bombeiros; o apoio à UNIT. City, o primeiro parque de inovação da Ucrânia dedicado às competências e à formação digitais; e um empréstimo de 50 milhões de EUR para novas carruagens de metro em Kiev.
- Em setembro de 2024, o braço financeiro da União Europeia propôs um plano de emergência energética de 600 milhões de EUR para ajudar a Ucrânia a enfrentar o inverno, assegurando que as empresas e as habitações dispõem de eletricidade e aquecimento. Serão construídos abrigos para proteger as subestações elétricas dos bombardeamentos.

FUNDOS PRÓPRIOS PARA RESULTADOS CONCRETOS

Da logística na África Austral à energia eólica marítima na Ásia Oriental, o Banco Europeu de Investimento apoia projetos que estão a fazer a diferença, investindo capital próprio em fundos de impacto

Todos os dias, 1 000 camiões atravessam a fronteira entre a África do Sul e Moçambique, com destino ao porto de Maputo. A viagem de 100 km até à costa demora, geralmente, 12 horas. Para os camiões carregados de mercadorias como crómio, magnetite e citrinos, a passagem da fronteira e os procedimentos aduaneiros podem demorar seis a oito horas. Todavia, alguns quilómetros antes do início do engarrafamento, uma nova estrada conduz a um posto de travessia alternativo gerido pelo The Logistics Group, uma empresa sul-africana apoiada pelo Grupo Banco Europeu de Investimento através de uma participação de quase 75 milhões de USD nos fundos da Africa Infrastructure Investment Managers, uma gestora de fundos com sede na Cidade do Cabo. Aí, as formalidades demoram apenas 45 minutos e as mercadorias são transferidas para comboios que seguem diretamente para Maputo. «Não é preciso estacionar o camião, não é preciso sair e não é preciso tratar de papéis», explica Anton Potgieter, diretor-executivo do The Logistics Group. Para além da economia de tempo, a instalação permite aos clientes poupar dinheiro e reduzir as suas emissões de carbono.

Para apoiar o The Logistics Group e outras empresas cujos projetos contribuem para a realização dos objetivos políticos da União Europeia em regiões como a África Austral, o Banco Europeu de Investimento investe em fundos de impacto que dispõem de experiência e conhecem a região. «Se quisermos obter resultados concretos no terreno, precisamos de capital próprio», explica Gergely Horvath, gestor de investimentos do Banco Europeu de Investimento. «É isso que faz com que as coisas realmente aconteçam.» O Banco Europeu de Investimento trabalha com a Africa Infrastructure Investment Managers desde 2008. Em 2024, o Banco efetuou um novo investimento de 30 milhões de EUR nos fundos desta sociedade gestora.

Made in Taiwan

Ao investir em fundos específicos com gestores experientes, o Banco Europeu de Investimento pode ajudar a promover os objetivos políticos da União Europeia com parceiros de todo o mundo. Por exemplo, através do seu investimento de 100 milhões de USD no Global Markets Fund II da Copenhagen Infrastructure Partners, o Banco está a contribuir para o desenvolvimento do setor da energia eólica marítima nos mercados emergentes. Situado a 11 km ao largo da costa ocidental de Taiwan, o parque eólico marítimo Changfang-Xidao, propriedade da sociedade dinamarquesa de gestão de fundos, ficou concluído em maio de 2024 e deverá fornecer quase 600 MW de energia quando estiver totalmente operacional, aumentando em 25 % a capacidade de produção eólica marítima da ilha.

“ Se quisermos obter resultados concretos no terreno, precisamos de capital próprio. ”

UM FUTURO DE DIVERSIDADE

Na Mauritânia, um banco local concede empréstimos que proporcionam às mulheres empresárias e aos jovens melhores perspectivas de dirigir um negócio ou de obter um emprego

Quando Cheikh Mohamed Elkarachi assumiu a empresa do pai durante a pandemia de COVID-19, uma das primeiras mudanças que fez foi ajudar as mulheres no local de trabalho. «Queria admitir mulheres, mas nem sequer tínhamos casas de banho que lhes fossem reservadas», explica Cheikh Mohamed Elkarachi, diretor-executivo da Rim Foam, um dos maiores fornecedores de espuma e colchões da Mauritânia. «Acrescentei casas de banho separadas, para que as mulheres se sentissem mais confortáveis a trabalhar aqui, e comecei a contratar mulheres para posições-chave, porque considero que as empresas do meu país carecem de maior diversidade.»

Para ajudar a efetuar estas melhorias e expandir a produção, em maio de 2024, Cheik Mohamed Elkarachi contraiu um pequeno empréstimo junto de um banco local, o Banco de Comércio e Indústria da Mauritânia. Este banco pôde dar-lhe apoio, e a muitos outros empresários, graças a um empréstimo no valor de 20 milhões de EUR assinado pelo Banco Europeu de Investimento em fevereiro de 2024 com o objetivo de prestar ajuda financeira às pequenas e médias empresas, especialmente as que empregam jovens e mulheres na Mauritânia. No final de 2024, o Banco de Comércio e Indústria tinha já concedido pequenos empréstimos que totalizavam cerca de metade do financiamento que havia recebido do Banco Europeu de Investimento.

A coragem de investir em ideias

O principal objetivo deste empréstimo do Banco Europeu de Investimento consiste em promover o emprego e incentivar mais pessoas a criar empresas. A economia da Mauritânia foi gravemente afetada pela pandemia e as necessidades de investimento no crescimento das empresas são enormes. Entre as empresas que beneficiaram do apoio do Banco de Comércio e Indústria em 2024 figuram a fábrica de espuma para colchões de Cheikh Mohamed Elkarachi, bem como clínicas privadas, instaladores de painéis solares, um fabricante de massas alimentícias e um fornecedor de equipamento de transformação de arroz.

Na Mauritânia, a inclusão económica é inferior à de muitos países vizinhos, como Marrocos e o Senegal, sobretudo no que respeita às mulheres. A percentagem de mulheres na população ativa é de cerca de 26 %. Segundo o Banco Mundial, este nível tem-se mantido praticamente inalterado durante as últimas décadas. Entre os homens, a participação no mercado de trabalho é de quase 60 %. Ajudar as mulheres a arranjar emprego induziria um aumento significativo do produto interno bruto. O desemprego juvenil também é elevado na Mauritânia, cifrando-se em cerca de 24 %.

“**Considero que as empresas do meu país carecem de maior diversidade.**”

Para obterem o apoio do Banco de Comércio e Indústria, as empresas da Mauritânia devem demonstrar que estão a envidar esforços para se alinharem com a iniciativa global denominada Desafio 2X, lançada numa cimeira económica do G7, em 2018, a fim de ajudar os bancos de desenvolvimento a investir em prol das mulheres. O mais recente objetivo do Desafio 2X é investir pelo menos 20 mil milhões de USD em apoios às mulheres entre 2024 e 2027. «A Mauritânia dispõe de um vasto potencial de crescimento sustentável, especialmente devido à riqueza dos seus recursos naturais, ao desenvolvimento das energias renováveis e à abundância dos seus recursos pesqueiros», afirma Marc-Antoine Coursaget, gestor de empréstimos para a África Ocidental do Banco Europeu de Investimento. «Ao capacitarmos as mulheres e os jovens, podemos tirar partido destes ativos para criar uma economia mais resiliente.»



8

UNIÃO DOS MERCADOS DE CAPITALIS

“ Continuamos no nosso trajeto pioneiro para demonstrar o potencial das tecnologias de registo distribuído na promoção da transparência, da eficiência e da segurança nos mercados de capitais. Em novembro, concluímos quatro transações digitais – três emissões de obrigações e um investimento em obrigações – em estreita colaboração com importantes participantes no mercado. Trata-se de um passo importante para testar e fazer avançar as soluções digitais e promover a sua integração no ecossistema financeiro europeu. ”

Marco Zimmermann, diretor dos Departamentos de Tesouraria e de Mercado de Capitais da Direção de Finanças do BEI

PLATAFORMAS PARA CAPITAL

A União dos Mercados de Capitais impulsionará os mercados de titularização e de capital de risco para reforçar o investimento na economia real. Alguns pioneiros europeus estão já a mostrar o caminho

Quando precisou de modernizar as suas linhas de produção de estampagem de metais, a IPM Rubi, uma empresa de média capitalização com sede em Vitoria-Gasteiz, recorreu ao Banco Santander para obter financiamento. Graças ao empréstimo de 4 milhões de EUR concedido pelo banco espanhol, a IPM Rubi pôde reequipar as suas fábricas na Galiza e na região de Álava. Conseguiu assim reduzir para metade o consumo de energia e, conseqüentemente, as emissões, o que lhe valeu um prémio de sustentabilidade em outubro de 2024. A reconversão permitiu também à IPM Rubi, que emprega 400 pessoas, adaptar-se à evolução da indústria automóvel e manter os seus dois maiores clientes, a Mercedes Benz e a Stellantis, um grupo empresarial que integra marcas como a Fiat, a Opel e a Peugeot.

«Para nós, este salto em frente foi essencial. Sem este projeto, não conseguiríamos sobreviver», afirma o diretor-executivo Ricardo Romo. «E nada podíamos ter feito sem o financiamento que nos foi concedido.»

As linhas de produção modernizadas destinam-se a veículos de passageiros. Mas Ricardo Romo espera que, em breve, seja necessário introduzir melhorias semelhantes nas suas linhas para veículos de mercadorias.

«Esperamos obter novos financiamentos junto da banca», afirma, «para podermos acompanhar a eletrificação da indústria automóvel.»

“ Sem este projeto, não conseguiríamos sobreviver. ”

É neste ponto que a atividade de estampagem de metais da IPM Rubi, que gerou um volume de negócios de 128 milhões de EUR em 2023, se cruza com o mundo misterioso e abstrato da titularização financeira. O Banco Santander transforma empréstimos como o que concedeu à IPM Rubi em títulos, vende-os a investidores e utiliza então as receitas resultantes para conceder novos empréstimos, como aquele que a IPM Rubi

espera obter para a sua linha de veículos pesados. A titularização representa um imenso mercado líquido nos Estados Unidos e na Ásia. A Europa está a tentar recuperar o atraso, para que haja mais financiamento à disposição de empresas como a IPM Rubi, que são vitais para a economia real. O Banco Europeu de Investimento está a investir em operações de titularização realizadas por bancos europeus e a desenvolver estruturas de titularização inovadoras que, espera, promovam o alargamento do mercado, no âmbito do seu apoio à União dos Mercados de Capitais como mercado único de capitais à escala da Europa.

Financiamento eficiente para as PME

Em comparação com os Estados Unidos e a Ásia, a regulamentação mais restritiva abrandou um pouco o crescimento da titularização, em particular no segmento de mercado das operações de titularização com notação mais elevada e um rendimento mais baixo. Para contrariar esta situação, o Grupo BEI está a apoiar bancos inovadores com grandes investimentos em operações de titularização que proporcionam liquidez ao mercado.

Esta ação faz parte de um plano do braço financeiro da União Europeia para promover a União dos Mercados de Capitais. Ao mesmo tempo, mobiliza financiamento para as pequenas e médias empresas (PME) em diversos setores, incluindo domínios-chave como a ação climática e a inovação. «Estamos a aumentar a nossa participação no mercado de titularizações», afirma Manuel Conthe, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento. «Trata-se de uma forma eficiente de financiar empréstimos às PME.»

“ **Temos de orientar estrategicamente os investimentos e os esforços do Grupo BEI para os locais onde o mercado e as entidades emitentes mais precisam de nós.** ”

Por este motivo, o Grupo BEI assinou, em maio de 2024, um investimento de 530 milhões de EUR numa operação de titularização com o Banco Santander. O Banco Europeu de Investimento investiu 440 milhões de EUR em *tranches* de títulos com notação mais elevada, garantidos por uma carteira de empréstimos do Santander aos seus clientes, e 60 milhões de EUR em *tranches* com notação de risco «grau de não investimento». Em contrapartida, o Santander comprometeu-se a conceder novos empréstimos no dobro desse montante às PME e às empresas de média capitalização espanholas, que são essenciais para a economia do país e desempenham um papel crucial na promoção do emprego e do crescimento. «Ao colocar estas obrigações, libertamos capacidade para conceder mais empréstimos aos clientes», afirma Koldo Oleaga Gascue, responsável pela mobilização de ativos no Santander em Madrid. «Reciclamos capital e reforçamos o apoio que prestamos às comunidades e aos nossos clientes.»

Preencher uma lacuna no mercado de titularizações

O mercado europeu de titularização tem vindo a registar algum crescimento desde meados da última década. No entanto, este crescimento limita-se sobretudo às *tranches* das operações que apresentam menor risco. As *tranches* prioritárias, em que o risco e, conseqüentemente, a remuneração são menores, representam a maior parte da maioria das estruturas de titularização – muitas vezes perto de 80 %, como na operação de titularização do Santander. Conseqüentemente, bancos como o Santander necessitam de colocar um volume significativo deste tipo de *tranches* no mercado.

É aqui que o investimento do Grupo BEI desempenha um papel fundamental. «Ao adquirir uma parte importante da *tranche* prioritária, o Grupo BEI facilita a colocação no mercado da estrutura completa de transações de grande dimensão», afirma Bálint Kónya, analista de financiamentos estruturados do Fundo Europeu de Investimento.

O Fundo Europeu de Investimento é a filial do Banco Europeu de Investimento vocacionada para as PME. Embora o investimento do Fundo na operação de titularização do Santander tenha sido muito menor, 30 milhões de EUR, a sua experiência em instrumentos sintéticos desempenha um papel fundamental na estruturação, negociação e execução de operações de titularização, tanto por conta do próprio Fundo Europeu de Investimento como por conta do Banco. No âmbito da contribuição do Fundo Europeu de Investimento, o Santander comprometeu-se a constituir uma carteira de 60 milhões de EUR de novos empréstimos concedidos a PME e a pequenas empresas de média capitalização, dos quais 30 % seriam afetados a investimentos sustentáveis e 20 % a financiamentos com uma dimensão de equilíbrio de género, como é o caso das empresas geridas por mulheres.

Karen Huertas, gestora de investimentos sénior do Fundo Europeu de Investimento, considera que estas operações demonstram a importância da contribuição do Grupo BEI para a União dos Mercados de Capitais. «A participação do Grupo BEI nestes negócios confere eficácia económica às operações de titularização e assegura o êxito da sua colocação no mercado, contribuindo assim para o crescimento da economia europeia», afirma Karen Huertas. «Temos de orientar estrategicamente os investimentos e os esforços do Grupo BEI para os locais onde o mercado e as entidades emitentes mais precisam de nós.»

Nascida e criada na União Europeia

As empresas europeias tendem a depender mais do financiamento bancário do que as suas congéneres dos Estados Unidos e da Ásia, regiões onde o mercado de capital de risco está mais desenvolvido. Neste contexto, as empresas europeias em fase de arranque são frequentemente adquiridas por investidores americanos. Os mercados de capitais europeus também não têm a profundidade dos mercados norte-americanos, dado operarem à escala nacional e, por conseguinte, a sua dimensão ser relativamente limitada.

Os progressos mais recentes no sentido da União dos Mercados de Capitais foram desencadeados por uma iniciativa da Comissão Europeia, em 2020. Na Cimeira do Euro realizada em março de 2023, em Bruxelas, os dirigentes da UE apelaram «à intensificação dos esforços coletivos, com a participação dos responsáveis políticos e dos intervenientes no mercado em toda a União, a fim de fazer avançar a União dos Mercados de Capitais». Em outubro de 2024, os ministros das Finanças da UE acolheram favoravelmente as propostas do Banco Europeu de Investimento destinadas a aprofundar a União dos Mercados de Capitais.

Nadia Calviño, Presidente do BEI, indicou diversas formas de o Banco Europeu de Investimento poder lançar alguns dos elementos essenciais de uma União dos Mercados de Capitais, para que «as ideias que nascem na União Europeia permaneçam na União Europeia». Uma dessas ideias é a criação de uma plataforma de titularização que favoreça a normalização das transações e permita aos bancos de menor dimensão libertar capital para conceder novos empréstimos às PME.

Um processo moroso

A normalização é um fator importante, dado que a realização de operações de titularização é um processo complexo e demorado.

Em julho, o Banco Europeu de Investimento assinou uma operação com o BPCE, um grande grupo bancário francês. O Banco Europeu de Investimento e o Fundo Europeu de Investimento procederam à aquisição de títulos não subordinados – o Banco e o Fundo investiram, respetivamente, 750 milhões de EUR e 50 milhões

“ **O volume das operações do Banco Europeu de Investimento é uma garantia de eficiência económica.** ”

de EUR. Em contrapartida, o BPCE comprometeu-se a conceder o dobro desse montante em novos empréstimos no prazo de três anos. Trata-se da primeira operação deste tipo do Banco Europeu de Investimento em França. Os novos empréstimos destinam-se a pequenas empresas do setor da inovação, nomeadamente das tecnologias da saúde. «É uma atividade que queremos seguramente desenvolver», afirma Nicolas Mardam-Bey, o gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que trabalhou na

operação. «A União dos Mercados de Capitais deveria flexibilizar a regulamentação para permitir a realização de um maior número de emissões.»

Até que a União dos Mercados de Capitais avance, a participação do Banco Europeu de Investimento facilita a realização de operações que, de outra forma, não chegariam a bom termo. «O volume das operações do Banco Europeu de Investimento é uma garantia de eficiência económica», afirma Jean-Philippe Foeillet, responsável especialista na Natixis, a unidade de banca de investimento do BPCE. «Estas operações são exigentes em termos de recursos, de tempo e de tecnologias de informação, pelo que beneficiam de economias de escala que tornam a sua gestão mais viável.»

Dada a dimensão da operação com o Banco Europeu de Investimento, Jean-Philippe Foeillet sabe que conseguirá atrair outros investidores para a mesma estrutura.

Estruturas que podem funcionar como plataformas

A estrutura desenvolvida para a operação com o BPCE é mais complexa, e também mais inovadora, do que uma titularização convencional.

A maioria das operações de titularização são garantidas por uma carteira de empréstimos subjacentes concedidos durante um período de tempo específico. A operação com o BPCE permite ao banco francês substituir periodicamente os empréstimos subjacentes por novos empréstimos. O banco pode efetivamente manter a mesma estrutura em funcionamento durante décadas, muito depois de os primeiros empréstimos subjacentes terem sido reembolsados. Jesper Skoglund, gestor de financiamentos estruturados do Fundo Europeu de Investimento que trabalhou na operação com o BPCE, explica que se trata de uma estrutura mais próxima do tipo de plataforma de titularização que o Banco Europeu de Investimento poderá criar para apoiar a União dos Mercados de Capitais. «Queremos continuar a utilizar este tipo de instrumentos de titularização para incentivar a concessão de novos empréstimos» afirma Jesper Skoglund. «Esta solução dinamizará o mercado de titularizações na Europa e estimulará a concessão de empréstimos à economia real.»

Campeões tecnológicos

O Fundo Europeu de Investimento está também na origem de uma outra iniciativa do Grupo BEI relacionada com a União dos Mercados de Capitais que é, de facto, uma plataforma de investimento por direito próprio.

A iniciativa Campeões Tecnológicos Europeus tem por objetivo colmatar uma lacuna no mercado europeu de capital de risco, mediante a mobilização de recursos públicos e privados. De facto, a maioria das empresas europeias especializadas em tecnologia profunda é financiada por investidores estrangeiros. Apenas uma pequena parte destas empresas é financiada por investidores europeus e é quase nulo o financiamento proveniente dos mercados de capitais.

O Fundo Europeu de Investimento fornece uma grande parte do capital de risco disponível na Europa, investindo em fundos que, por sua vez, investem em empresas em fase de arranque e de expansão. A segunda fase da iniciativa Campeões Tecnológicos procederá do mesmo modo, mas terá também por objetivo a mobilização de grandes reservas de recursos provenientes de companhias de seguros e fundos de pensões europeus, por exemplo, que chegarão aos campeões tecnológicos através de um instrumento de investimento. De um modo geral, estes investidores não consideram interessante investir em capital de risco, dado que os montantes envolvidos são relativamente modestos face ao tempo e aos recursos necessários. Graças à iniciativa Campeões Tecnológicos 2.0, esses investidores poderão efetuar investimentos mais vultuosos através de um instrumento que lhes dá acesso imediato a uma carteira europeia de capital de risco diversificada. «Quando os investidores se familiarizarem com esta categoria de ativos, estarão mais dispostos a consagrar-lhe recursos significativos», considera Adrian Zambrano, especialista em estruturação do Fundo Europeu de Investimento.

O mercado europeu de capital de risco receberá um duplo impulso com a iniciativa Campeões Tecnológicos. Em primeiro lugar, investidores como os fundos de pensões acederão ao mercado através da plataforma Campeões Tecnológicos. Em segundo lugar, o aumento do investimento em fundos de capital de risco daí resultante permitirá que um maior número desses fundos atinja os seus objetivos de mobilização de recursos e, desta forma, aumente o financiamento à disposição das empresas em fase de arranque e de expansão. «Estamos a tentar tornar esta categoria de ativos acessível aos investidores europeus», explica Adrian Zambrano. «Ainda que se trate de uma missão desafiante, esperamos que constitua uma solução de mudança.»

Seis Estados-Membros da UE e o Banco Europeu de Investimento investiram 3,7 mil milhões de EUR para lançar o fundo. Prevê-se que este seja aberto à participação de investidores privados em 2025.

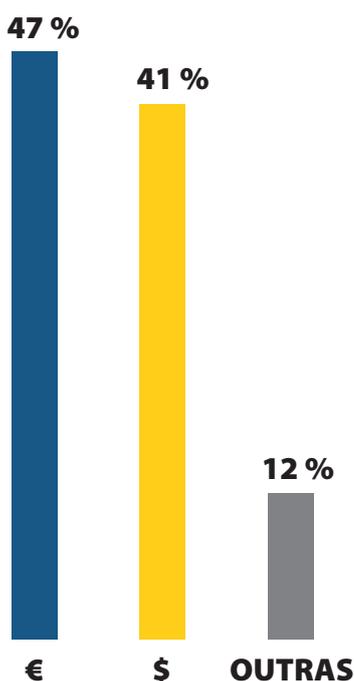
“**Esperamos que constitua uma solução de mudança.**”

ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI

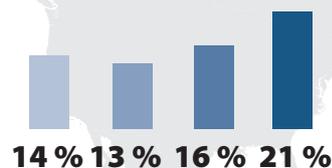
O Banco Europeu de Investimento, uma das maiores instituições financeiras multilaterais e um dos principais financiadores da ação climática a nível mundial, está empenhado em financiar projetos que promovam o crescimento económico, apoiem a ação climática e promovam o progresso social na Europa e em todo o mundo. Para concretizar estas ambições e cumprir os seus objetivos de financiamento, o Banco Europeu de Investimento obtém fundos a longo prazo através da emissão de obrigações nos mercados de capitais internacionais. Estas obrigações atraem investidores de todo o mundo.

Em 2024, o BEI mobilizou 63,4 mil milhões de EUR através da emissão de obrigações, incluindo 18,3 mil milhões de EUR em obrigações verdes e obrigações de sustentabilidade, em 13 moedas. Embora a prioridade fosse as emissões em euros e em dólares americanos, o Banco também emitiu obrigações noutras moedas, nomeadamente o dólar australiano, o franco suíço, a libra egípcia, a libra esterlina, o dólar de Hong-Kong, a rupia indiana, o peso mexicano, a coroa norueguesa, o zloti polaco, a coroa sueca e o rand sul-africano, a fim de diversificar as suas fontes de financiamento.

EMISSÕES POR MOEDA



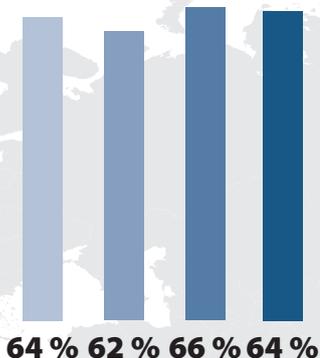
AMÉRICAS



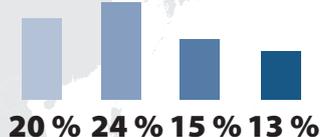
Os investidores nestas emissões continuam a ser predominantemente europeus, representando cerca de dois terços do investimento total. O terço restante é proveniente de investidores da Ásia, das Américas, do Médio Oriente e de África, o que evidencia o interesse suscitado a nível global pelo Banco Europeu de Investimento.

Enquanto líder da inovação nos mercados de capitais, o Banco Europeu de Investimento está na vanguarda do financiamento sustentável e da transformação digital. Em 2024, o Banco superou os 100 mil milhões de EUR em emissões de obrigações verdes e de obrigações de sustentabilidade desde que realizou a primeira emissão de obrigações verdes, em 2007. Estas obrigações estão vocacionadas para o financiamento de projetos nos domínios ambiental e social. Os esforços pioneiros mais recentes do BEI estendem-se à emissão de diversas obrigações digitais. Em 2024, o Banco reforçou a sua liderança no domínio da inovação digital ao participar nos trabalhos preparatórios do Eurosistema com novas tecnologias de liquidação de transações financeiras por grosso em moeda do banco central.

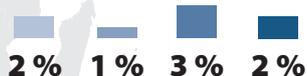
EUROPA



ÁSIA



MÉDIO ORIENTE E ÁFRICA



GOVERNAÇÃO

 BEI é simultaneamente um organismo da União Europeia, responsável perante os Estados-Membros, e uma instituição de crédito que segue as melhores práticas bancárias em matéria de tomada de decisões, gestão e controlo.

O Conselho de Governadores é composto por ministros dos Governos de cada um dos 27 Estados-Membros da UE, geralmente os ministros das Finanças. Os Governadores definem as linhas de orientação da política de crédito do Banco e aprovam anualmente as contas do exercício. Têm competência para decidir sobre os aumentos de capital e a participação do Banco no financiamento de operações no exterior da União Europeia. Compete-lhes também nomear o Conselho de Administração, o Comité Executivo e o Comité de Fiscalização.

O **Conselho de Administração** toma decisões sobre empréstimos, programas de emissões obrigacionistas e outros assuntos financeiros. Reúne-se uma vez por mês para garantir a conformidade da gestão do Banco com as disposições dos Tratados da UE e dos Estatutos do Banco e com as diretivas gerais fixadas pelo Conselho de Governadores. É composto por 28 administradores titulares, designados respetivamente por cada um dos Estados-Membros e pela Comissão Europeia. Conta ainda com 31 administradores suplentes. A fim de alargar as competências profissionais disponíveis no Conselho de Administração, este cooptou seis peritos para participarem nas suas reuniões como assessores, sem direito de voto. Salvo disposição em contrário dos Estatutos, as decisões são tomadas por maioria de um terço, pelo menos, dos membros do Conselho com direito de voto e que representem pelo menos 50 % do capital subscrito pelos Estados-Membros. O Conselho de Administração é presidido pelo presidente do Banco, sem direito de voto.

O Comité Executivo é o órgão de decisão permanente do Banco. Assegura a gestão dos assuntos correntes do Banco e prepara as decisões do Conselho de Administração, garantindo subseqüentemente a respetiva execução. Reúne-se uma vez por semana. O Comité Executivo atua sob a autoridade do presidente e sob a supervisão do Conselho de Administração. Os restantes oito membros são os vice-presidentes do BEI. Os membros são designados por um período renovável de seis anos e são responsáveis unicamente perante o Banco.

O Banco dispõe de um Comité de Fiscalização independente, diretamente responsável perante o Conselho de Governadores. Cabe-lhe fiscalizar as contas do BEI e do Grupo BEI, verificar anualmente a regularidade das operações e dos livros do BEI e certificar-se de que as atividades do Banco são consentâneas com as melhores práticas bancárias. O relatório anual do Comité de Fiscalização relativo ao exercício financeiro é apresentado ao Conselho de Governadores juntamente com a resposta do Comité Executivo. O Comité de Fiscalização é composto por seis membros, nomeados por um mandato não renovável de seis exercícios financeiros consecutivos. Além disso, o Conselho de Governadores pode nomear três observadores para auxiliar o Comité de Fiscalização em tarefas específicas.

DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO PARA 2025-2027

- **Crescimento das empresas e competitividade**
- **Investimentos em dívida com um grau de risco mais elevado**
- **Investigação e desenvolvimento em tecnologias disruptivas**
- **Energias renováveis e infraestruturas sustentáveis**
- **Segurança e defesa**

A orientação prevista para o período de 2025 a 2027 incide nas mudanças tecnológicas de grande alcance, nos custos crescentes das alterações climáticas e na procura de mais investimento na defesa, na habitação e nas necessidades globais.

Em 2025, o montante total de contratos assinados deverá aumentar para cerca de 95 mil milhões de EUR.

O volume de financiamento do Banco nos domínios da ação climática e da sustentabilidade ambiental continuará a ser superior a 50 % em 2025. O BEI intensificará o apoio ao crescimento e à competitividade das empresas, aumentando o investimento em projetos de participação em capital próprio e dívida com um grau de risco mais elevado.

Na Europa, em 2025, o Banco apoiará setores como as energias renováveis e as infraestruturas sustentáveis, as redes e as interligações energéticas, melhorias na construção automóvel, o crescimento do hidrogénio verde e do armazenamento ecológico e a redução das emissões de carbono na indústria pesada.

O Banco apoiará um novo programa TechEU estratégico a fim de aumentar o financiamento da investigação, da digitalização e da tecnologia. Aumentará os investimentos em novas tecnologias, como a computação quântica, a inteligência artificial, a biotecnologia e as ciências da saúde.

O Grupo BEI intensificará a assistência prestada às indústrias de segurança e defesa. Foram já assinados acordos de parceria com o Fundo de Inovação da OTAN e com a Agência Europeia de Defesa.

O BEI alargará o apoio financeiro e o aconselhamento em matéria de habitação a preços acessíveis, especialmente para as gerações mais jovens. Colocará uma maior ênfase em três domínios: a investigação de novas tecnologias de construção, a eficiência energética das habitações mais antigas e a construção de habitação a preços acessíveis.

O Banco prevê apresentar, em 2025, novas iniciativas para uma União dos Mercados de Capitais mais forte. Apresentará propostas de robustecimento dos mercados de obrigações verdes e de obrigações digitais, a fim de ajudar as empresas europeias a obter mais financiamento público e privado. O Fundo Europeu de Investimento desempenhará um papel fundamental na liderança do setor do capital de risco.

A EIB Global centrará a sua atividade em setores como o abastecimento de água, as pequenas empresas e a eficiência energética. O Banco continuará a apoiar a Ucrânia e o alargamento da União Europeia a Leste. A Região Mediterrânica e a África Subsariana continuarão a ser as principais destinatárias da atividade global do Banco.

Por último, o Grupo BEI continuará a agilizar os processos, de modo a prestar apoio financeiro e aconselhamento mais rápidos à competitividade europeia. Apresentaremos propostas ambiciosas para simplificar os mandatos de financiamento, reduzir os requisitos de comunicação de informações e diminuir a burocracia.



As prioridades fundamentais do Banco Europeu de Investimento
Saiba mais **aqui**

PRIORIDADES PARA A PROSPERIDADE



Banco Europeu
de Investimento | Grupo